

CAFÉ, BISCOITO E SIMPATIA: A RECEITA EXATA DA TRADIÇÃO

O mês de Setembro traz duas certezas para quem mora ou passa por São Tiago, em Minas Gerais: 1) o ipê da praça vai florir; 2) a *Festa do Café com Biscoito* vai acontecer. Mas muito antes de um evento gigantesco, que chega a atrair 100 mil pessoas, há a receita infalível de hospitalidade, simplicidade, talento e sabores históricos servindo desde mesas locais a uma indústria forte que já leva os quitutes são-tiaguenses para diferentes partes do país. Marcus Santiago escreve sobre tudo isso nesta edição.

Página 3



Estava escrito: livros didáticos e o reflexo da sociedade em que são usados

"Como eram o discurso educacional e a configuração familiar em inícios do século XX? (...) Uma análise dos conteúdos e questões presentes nos livros escolares de então, adotados conforme o Programa de Ensino Primário (1927), dão-nos uma ideia, por vezes, desconhecida e heteróclita do processo educacional, eivado agudamente pelo ideário positivista republicano. Os manuais didáticos e livros de leitura da época carregavam forte carga moral, a formação do indivíduo, a modelagem da família a partir de padrões "civilizados" – consoante o discurso republicanista europeizado".

Página 4

Quem foi o Coronel Xavier Chaves?

Cidade famosa pela arte em Pedra-Sabão; terra do Jequitibá Histórico; potência na produção de Queijo... Coronel Xavier Chaves é localidade com muito o que contar – inclusive sobre a origem de seu nome.

Página 12

Mas e o Polvilho, hein?

Quem nasce em São Tiago tem simpatia no DNA. É gente que serve Café e Biscoito em qualquer hora do dia pra forrar o estômago, ouvir uma história de vida, narrar causos, compartilhar receitas. E não se espante se nesses diálogos entrar em pauta, com maestria, o assunto "Polvilho". Na Terra do Café com Biscoito, ele é mais que "velho conhecido" – é íntimo do povo; quiçá um "ícone" da Gastronomia Popular. A bem da verdade, porém, ele fez História em receitas, mesas e Comunidades a perder de vista país afora.

Página 16

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



PREÂMBULO

REFLEXOS DA COLONIZAÇÃO PREPOTENCIA DAS ELITES

A colonização escravista, delitiva portuguesa – sequenciada pela minoria aristocrática e corrosiva que nos rege até os dias atuais – com toda a abundância de recursos naturais, negou à população nativa o acesso à educação libertadora. Desprovidos de visão social, toda a riqueza foi/canalizada para barões, engravatados, encapotados, envernizados, desavergonhados, sobrando às grandes massas a subalternidade, a vassalagem, a cidadania de quinta categoria, quando não adjutórios, quinquilharias, emendas, auxílios de cunho eleitoreiro, como mecanismos de sobrevivência, atenuantes às suas consciências inquisitivas.

Corrompidos por mordomias, privilégios, soberbos salários, imunidades para si mesmo arrogadas e assim ajouçados pelo pedantismo, incensados por bajuladores, o odor do aviltamento, do esponjadoouro, parece-lhes apazível ao olfato moralmente estropiado. O país dos salários escabrosos, das cédulas de presença faraônicas de estatais, corporativismo, do emparelhamento do Estado por grupos políticos e afins. Muitos, ainda que travestidos de honradez, perdem a noção da reputação, da probidade, envolvidos pelas táticas dolosas dos grupos dominantes. Aí estão os saques ao Erário com respaldo legal, sinecuras, penduricalhos de todo jaez.

Diz-se que cada povo tem o governo que merece. Ou seja, que os governantes, quando déspotas, corruptos, refletem a soma dos pensamentos, sentimentos da consciência coletiva. O governo seria, em síntese, a projeção, o reflexo da aura magnética da sociedade. Assim, enquanto não modificarmos nosso íntimo, não nos elevarmos, não teremos governos justos, o que nos exige mudança de padrões mentais, reeducação cívica, sintonia com a consciência elevada, a prática da serenidade, paz interior, mansuetude.

Somos produtos de uma colonização predatória, onde nossas extensas riquezas são usurpadas, até os dias atuais. Ainda não temos, lamentavelmente, um projeto de nação, as elites que nos governam, há séculos, só se preocupam com seus interesses mesquinhos e egoísticos.

Somos, em síntese, um País à procura de si mesmo. A viagem através de nossa identidade durará ainda tempos, gerações, quiçá a encontremos o mais rápido possível. Nossas raízes milenares indígenas, nossas fontes negras, nossos arcanos pré-cabralinos povoam-nos igualmente o solo, miscigenam-nos o sangue, fortalecem nossa nacionalidade e identidade global.

Obras sugeridas:

"Um defeito de cor" – Ana Maria Gonçalves

"Ponciá" – Conceição Evaristo

"Meu destino é ser onça" – Alberto Mussa

"Sob os tempos do equinócio" – Eduardo Goes Neves

Adivinhas/Charadas



- 1- O dia anterior a ontem é o dia 21, que dia é o dia depois de amanhã?
- 2- Qual galinha cai e surta?
- 3- O que é, o que é? Tem centenas de rodas, mas não sai do lugar.
- 4- O que é, o que é? Cru não existe e cozido não se come.
- 5- O que todo mundo tem, mas quando precisa tem que buscar no supermercado?

Respostas: (1) Dia 25; (2) Galinha caipira; (3) O estacionamento; (4) O sabão em barra; (5) A canela.

Provérbios e Adágios

- Papagaio que acompanha João-de-barro vira ajudante de pedreiro.
- Não grite a sua felicidade, pois a inveja tem sono leve
- Quem não é visto, não é lembrado
- Cobra que não anda, não engole sapo
- Para quem está se afogando, jacaré é tronco.

Para refletir

- *A vida se expande ou se encolhe em proporção à sua coragem.*
(Anaïs Nin)
- *Seja feliz neste momento. Este momento é a sua vida.*
(Omar Khayyā)
- *A vida é de dentro para fora. Quando você muda por dentro, a vida muda por fora.*
(Kamal Ravikant)
- *Você está vivo. Esse é o seu espetáculo.*
(Cazuza)
- *Você só vive uma vez, mas se você viver certo, uma vez é o bastante.*
(Mae West)

NOTA DE FALECIMENTO:



**SR. ANTÔNIO
FERNANDO
LARA COELHO**

★ 26/02/1948
† 19/07/2025

Com pesar registramos o falecimento do **Sr. Antônio Fernando Lara Coelho**, aos 19/07/2025, distinto e atuante cidadão, produtor rural, tendo exercido ainda outras atividades em nosso meio:

- Professor e presidente do Setor Local da CNEC (antigo Colégio Normal Santiaguense);
- Chefe de Gabinete da Prefeitura na gestão do Sr. Miguel Salomão Neto. Conhecedor profundo e atento da história local, era requisitado, para tal, por pesquisadores, estudantes.

Nossa solidariedade à família.

Expediente



credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Fernanda Cristina de Sousa
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)

NA MESA DO CAFÉ COM BISCOITOS: ENCONTROS, CONVIVÊNCIA E POSSIBILIDADES

Sentar-se à mesa é mais do que um gesto cotidiano — é um convite à partilha, um espaço onde histórias se cruzam e corações se aproximam. Desde os tempos de Jesus, a mesa foi lugar de comunhão, aberta a todos, sem barreiras nem distinções.

Em São Tiago, a tradição de estar a mesa ganhou o aroma do café fresco e o sabor inconfundível dos biscoitos que saem dos fornos de casa e das inúmeras padarias. Ao redor dessa mesa, as diferenças se desfazem, a fraternidade floresce e o diálogo se torna caminho para novas descobertas e possibilidades.

Desde a fundação da antiga localidade, a hospitalidade é marca viva de nosso povo. Oferecer um café com biscoitos não é apenas um gesto de cortesia — é um abraço em forma de tradição, um elo que une gerações e fortalece nosso senso de identidade e pertencimento.

O preparo da matéria-prima para assar biscoitos no forno a lenha, cortar o alecrim do campo para fazer vassouras ou marcar a data dos eventos movimentava a comunidade e unia as pessoas.

No dia de preparar os biscoitos, com a gamela cheia de massa sobre a mesa, enrolar cada quitanda, colocar para assar e retirar a primeira fornada já se transformava em um encontro especial, que anunciava e inspirava o momento que estava por vir.

Esses encontros eram também momentos para conversar sobre o cotidiano, fazer visitas e fortalecer vínculos. Muitas vezes aconteciam após celebrações de batizados, casamentos, quermesses e até durante velórios, quando o café com biscoitos era oferecido como gesto silencioso de consolo e acolhimento.

Assim, sentar-se à mesa para um café com biscoitos transcendeu a simplicidade do ato: tornou-se símbolo de partilha, diálogo, inclusão, incentivo ao empreendedorismo e fomento ao desenvolvimento local. Ao redor da mesa, discutem-se o trabalho, partilham-se sentimentos, sorrisos e lágrimas, ouvem-se conselhos e renovam-se os laços de amizade e fraternidade de que sustentam a alma são-tiaguense.

Estar à mesa sempre foi um símbolo de união e convivência do povo são-tiaguense. Mais do que um ato de alimentar o corpo, é uma ocasião para ouvir histórias, vivenciar tradições e aprender valores. O café com biscoitos tornou-se parte essencial da nossa vida. Foi em torno dessas mesas que nasceu a ideia que impulsionou a economia local, levando à produção em larga escala e à comercialização dos biscoitos.

De receitas simples nas cozinhas familiares, os biscoitos se transformaram em força motriz para o desenvolvimento econômico de São Tiago. Levaram o nome da nossa cidade para todo o país, atraindo visitantes e impulsionando o comércio. Graças ao trabalho incansável dos nossos biscoiteiros, o sabor inconfundível das nossas quitandas conquistou paladares e se tornou parte inseparável da nossa cultura e da nossa identidade.

Mais do que um produto, o biscoito representa a ascensão e a união de gerações que, juntas, construí-



ram um legado de sabor, trabalho e pertencimento.

Os biscoitos continuam a alimentar gerações e a impulsionar o progresso, tornando-se referência no setor econômico da cidade e da região. Hoje, a tradição biscoiteira segue realizando sonhos e oferecendo oportunidades, enquanto preserva a memória afetiva de nossa terra. As padarias, as fábricas, a Festa do Café com Biscoito, o “Forno na Praça” e os produtores são testemunhas desse legado, que continua promovendo a gastronomia e o turismo em São Tiago.

Que essa tradição continue a inspirar novos empreendedores, gerando empregos e transformando, a cada dia, nossa comunidade, unindo ainda mais pessoas nos encontros ao redor da mesa. Que o café com biscoito permaneça como símbolo de prosperidade, fortalecimento, inclusão, partilha e crescimento para todos.

O ano de 2025 marca a 25ª edição da Festa do Café com Biscoito. A cada edição, uma nova história se constrói: de quem empreendeu, prosperou, partilhou, ofereceu oportunidades e transformou vidas. Há muito a comemorar e agradecer por essa tradição biscoiteira e pela festa que se tornou o cartão-postal de São Tiago. O evento gastronômico, que, além de comercializar, oferece muito café com biscoito gratuitamente na praça, também expõe produtos da agroindústria local e artesanato confeccionados com dedicação e cuidado pelos nossos artesãos. Além disso, é um palco de cultura, música e arte, reunindo gerações, famílias, amigos e visitantes em encontros que celebram tradição, afeto e pertencimento.

Viva a nossa tradição! Viva a Festa do Café com Biscoito!

Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR



Capas de antigos livros didáticos

LIVROS DIDÁTICOS DO PASSADO – ENFASE NO DISCURSO EDUCACIONAL MORAL E CONFIGURAÇÃO FAMILIAR

Como eram o discurso educacional e a configuração familiar em inícios do século XX? Como se estruturava a sociedade até então – e mesmo em tempos subsequentes – com forte influência europeia? E a formação dos educandos de então, nossos avós, como se processava?

Uma análise dos conteúdos e questões presentes nos livros escolares de então, adotados conforme o Programa de Ensino Primário (1927),⁽¹⁾ dão-nos uma ideia, por vezes, descontínua, heteroclita do processo educacional, eivado agudamente pelo ideário positivista republicano. Os manuais didáticos e livros de leitura da época carregavam forte carga moral, a formação do indivíduo, a modelagem da família, a partir de padrões “civilizados”, consoante o discurso republicanista europeizado.

As práticas escolares eram, então, entendidas como transmissoras de valores, de cultura formativo-educativa e doutrinária ou seja “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar, condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses conhecimentos” (Dominique Júlia – “A Cultura escolar como objeto histórico” – Revista Brasileira de Educação n. 1, 2001, pp. 9/44).

Livros então adotados como “Coração”, de Edmundo de Amicis, “Poesias Infantis” de Olavo Bilac, “Vários estylos” de Arnaldo de Oliveira Barreto, dentre outros, induzem a contextos patrióticos, moralidade religiosa, apologia do trabalho como dignificação do homem, a composição/conformação familiar com ênfase centralizada nas figuras do pai, mãe, filho e secundariamente, nos sujeitos das filhas, avós, netos, os papéis que recaem sobre cada membro da família (o chamado discurso do poder e saber).⁽²⁾

Um processo que buscava definir limiares de modernidade, modelar e uniformizar a sociedade e a família – lembrando-se que éramos/somos uma sociedade em formação – com modelos plurais de verificação, constituídas ou não por laços consanguíneos e que se organizam amparadas ou não por leis, pela

moral, pelas crenças, pelos costumes, por discursos religiosos muitos deles coercitivos, alienados. Propostas e propósitos geralmente padronizados, conservadores, excludentes, discriminatórios, quando não de viés escravagista, ante a eventual diversidade comportamental, multiétnica e multimodular da sociedade pátria. O Brasil sofreria significativas, senão vigorosas mudanças entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, em quase todos os cenários político, cultural, econômico, bem como dinâmicas de costumes, modos de vida e ampliação do papel social da mulher. Tal performance, todavia, não se vê nos livros didáticos, onde a família é retratada de forma normatizada, patriarcalista, conservadora.

O LIVRO ESCOLAR – O livro escolar era, à época, um produto cultural múltiplo, servindo como instrumento de iniciação à leitura, de valoração moral, cujos conteúdos buscavam difundir princípios republicanos em sua busca de uma nova e quiçá apurada sociedade⁽³⁾. Uma das principais obras que compunham o currículo escolar era “Coração”, autoria do escritor italiano Edmondo de Amicis (1846–1908) que divulgava valores, ideias e comportamentos sobre a pátria, família, escola, higiene. Uma leitura apregoada como edificante, educativa, apologista do trabalho, honra, civismo, patriotismo.

Outra obra adotada, “Poesias Infantis” de Olavo Bilac (1865–1918) tinha seu conteúdo – textos com viés por vezes melodramático – direcionados para o enaltecimento do civismo, patriotismo e formação moral da criança. Encaixava-se no cunho de modernidade e ideário republicano, bem como de disciplinarização e instrução das camadas populares. As personagens das poesias são crianças e familiares (pais, avós) bem como entes da natureza – pássaros, insetos, animais domésticos e selvagens etc. Há, ademais, contextos que envolvem liturgia e festividades religiosas, como Natal, o estímulo à oração, a valoração do trabalho e do estudo, a formação do caráter. Na prática e em suma, um discurso, nitidamente moralista e religioso estímulo livro adotado, “Vários Estylos” –

Seleção de trabalhos literários de autores modernos contemporâneos”, organizada por Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925) seguia o método analítico – do todo para as partes – em voga nas escolas paulistas. Livro editado pela Melhoramentos, bem elaborado, incluía histórias, fábulas, textos diversificados de cunho igualmente moral e formativo, com transcrições/reproduções/ citações de autores consagrados como Machado de Assis, Pe. Antonio Vieira, Victor Hugo, Rei Salomão, Marco Aurélio, Olavo Bilac, Gonçalves Dias etc.

Registre-se que as escolas mineiras enfrentavam imensa carência de toda sorte de material, face ao crescimento quantitativo de alunos matriculados, demandando maior número de cartilhas e de livros de leitura graduada⁽⁴⁾. Relatórios publicados pela Imprensa Oficial, ano 1908, registrava a existência de 800 mil crianças com idade escolar, das quais – pasmemos todos! – 700 mil sem o devido acesso ao ensino. Mensagem do presidente do Estado Bueno Brandão, em 1913, informava, por sua vez, que o Estado de Minas atingira 200 mil alunos a receberem o ensino primário.

ESTAGNAÇÃO DO DISCURSO ESCOLAR – Embora o ritmo de mudanças nos primeiros tempos do século XX, envolvendo liberalidades/avanços nos costumes, modos de vida, afirmação da mulher no âmbito social-familiar, a concepção extraída nos livros didáticos da época persiste presa ao modelo conservador, convencional, senão estático e arcaico. As adequações – ou melhor configurações sociais, políticas, religiosas, jurídicas – que não foram/eram encampadas pelos discursos escolares (sejam contos, poemas, histórias), onde sempre se denotam admoestações, conselhos de ordem moralista, padrões de conduta e comportamentos de cunho nitidamente urbanos (grandes centros) e/ou europeizados. Discursos que tinham, ademais, propósitos de legitimação do poder republicano e assim difundidos à larga através da escola e sociedade em geral.

Assim, a exposição da família – regida por relação unicamente biológica, a partir dos laços consanguíneos – destoa da realidade concreta, porquanto somos uma sociedade pluri-étnica, diversificada, por vezes heterogênea – a exemplo de lares administrados por avós ou mães solteiras, relacionamentos bigamos e afins. O discurso escolar retratava, pois, o modelo familiar legitimado pela Igreja, já numa época em que o Estado pós Proclamação da República era laico, embasando-se em uniões matrimoniais sacramentadas, rigidamente disciplinadas segundo os cânones eclesiásticos, processo estendido a todos os setores sociais, inclusive e especialmente o educacional privado e estatal. Em discurso na Assembleia de Pernambuco (1879), o escritor e filósofo Tobias Barreto (1839-1889), de linha liberal, insurge-se contra a estigmatização da mulher: “Entre nós, nas relações de família, ainda prevalece o princípio bíblico da sujeição feminina. A mulher ainda vive sob o poder absoluto do homem. Ela não tem, como deveria

ter, um direito igual ao do marido, por exemplo na educação dos filhos. Curva-se como escrava à soberana vontade marital. Essas relações, digo eu, deveriam ser reguladas por modo mais suave, mais adequado à civilização”. O Estado e Igreja tutelavam/interferiam abertamente na classificação dos papéis estabelecidos no âmbito do lar e de toda a sociedade.

A família é, inquestionavelmente, importantíssimo elemento de ordenação social, de retenção e exercitamento dos mais variados e elevados conjuntos de valores que formatam a cultura e a civilização, porém, como tudo quanto há, ela é diversa e em processo de transformação. A configuração familiar, ao longo de nossa história, compõe-se de várias situações afetivas, com múltiplas possibilidades de relações, fugindo ao perfil perfeccionista, unilateral e biológico exibido pelos textos didáticos, algo quase que regulamentado pela reforma de ensino de 1927 (a chamada Reforma Francisco Campos).



Fonte-base para a presente matéria: Kamila Amorim – “A boa leitura instrui, moraliza e diverte” Uma análise do discurso sobre a família presente nos manuais didáticos que circulavam em Minas Gerais na década de 1920” UFSJ, 2013.

NOTAS

(1) O Programa de Ensino Primário (1927) emprestava substancial ênfase à leitura escolar, vista como um caminho para conscientizar a sociedade, dentro de um contexto discursivo-formativo e um conjunto de símbolos institucionalizados que englobam a pátria, o trabalho, família, a religião e similares. Em suma, uma configuração tripartite – Estado, Igreja, Escola – no intuito de moldar, quando não dominar/conformar a sociedade e a família brasileira.

(2) O pai sempre visto/descrito como chefe e provedor familiar – responsável, trabalhador, respeitado e respeitador; a esposa sempre recatada, prudente, modelar, administrando o lar, cuidando da educação dos filhos. O lar sempre detalhado em estilo burguês, ambiente limpo e claro, conduta exemplar por parte de seus membros, mormente adultos.

(3) Nos arquivos/inventários da Escola Estadual “Afonso Pena Júnior” de São Tiago, ano 1925, conforme argutas pesquisas da Profa. Elizabeth Márcia dos Santos (Beth) a quem muito agradecemos, há menção a alguns livros didáticos então adotados: “Livros de Leitura” de Anna Cintra, João Kopke; “Terra Mineira” provavelmente autoria de Nelson de Senna

Há que se registrar outros livros didáticos então utilizados em nosso meio, dentre eles “Lições para o ensino completo de leitura”, Anna Cintra; “Leituras” de Arthur Joviano; “Contos Pátrios” Olavo Bilac; “Primeiras Leituras” Arthur Joviano; Cartilhas de autoria de João Lúcio Brandão – “Livro de Zézé”, “Livro de Elza”, “Livro de Ildeu”, “Livro de Violeta” e ainda, do mesmo autor, os suplementares “Minhas Férias”, “O bom sementeiro”, “Na fazenda”; “Livro de Lili” de Anita Fonseca.

(4) Qualquer benefício (material de uso didático) era, então, bem vindo para atender as graves necessidades das escolas de então. A profª Elizabeth Márcia dos Santos (Beth) localizou, em suas pesquisas, o pedido do Prof. Antonio Lopes Bahia de Conceição da Barra ao Sr. Secretário do Interior, conforme transcrição infra:

“Conceição da Barra, 11 de março de 1918

Exmº Sr. Dr. Secretário do Interior

Estando esta escola desprovida de quase todo material didático, peço-lhe mandar-me um livro de ponto diário, uma caixa de giz e alguns livros de leitura para alunos pobres do 1º, 3º e 4º anos. Os livros para o 1º ano poderão ser cartilhas de Arthur Joviano ou outro qualquer, digo, outros a escolha de V.Exª. O Professor Antonio Lopes Bahia”.



Turma escolar típica – inícios do século XX

Igreja do Rosário de São Tiago: memória, resistência, história e religiosidade

A devoção a Nossa Senhora do Rosário teve sua origem por volta do ano 1200, com São Domingos de Gusmão, que, inspirado pela Virgem Maria, deu ao rosário sua forma atual. Anos depois, em 1408, a Ordem dos Pregadores (congregação dos Frades Dominicanos) instituiu a primeira Irmandade do Rosário na Colônia, na Alemanha. Gradativamente, a devoção a Nossa Senhora do Rosário foi se propagando. Missionários portugueses destacaram-se na difusão dessa prática, especialmente na República Democrática do Congo, na África.

No Brasil, a veneração e o culto à Virgem do Rosário chegaram no século XVI, trazidos pelas irmandades que começaram a surgir naquela época, inicialmente na Capitania de São Paulo e em outras localidades. Em Minas Gerais, no século XVIII, registra-se a fundação da primeira Irmandade do Rosário, em 1708, na atual cidade de São João del-Rei, seguida pelas de Ouro Preto (1715), Serro (1728), Paracatu (1782), entre outras.

Durante o período da escravidão, as divisões de classes sociais e o sistema de trabalho escravo eram profundamente marcantes. Os senhores proprietários de terra, tanto na região quanto em outras localidades, criavam espaços específicos na comunidade para que pudessem ter seus momentos separados dos negros.

Nas imponentes igrejas matrizes, apesar dessa segregação social, os negros não eram privados de receber os sacramentos católicos. Eram batizados, recebiam nomes de santos e, ocasionalmente, participavam das missas na igreja principal da vila. No entanto, não ocupavam os assentos da frente, que eram reservados às famílias das autoridades e aos mais abastados da localidade. Os negros permaneciam de pé, sob os coros próximos à entrada, ou do lado de fora do templo.

Em muitas vilas, os negros (ou pretos, como eram chamados no período da escravidão) trabalhavam arduamente em serviços braçais, enquanto as mulheres realizavam tarefas domésticas e também trabalhavam no campo. Gradualmente, as leis passaram a conceder alguns direitos aos escravizados, culminando, posteriormente, no direito à liberdade.

Os escravos contribuíam significativamente para sociedade, tra-



balhando duramente na construção de casas, casarões, engenhos, fazendas e dos imensos muros de pedra que ainda hoje podem ser vistos, especialmente em antigas propriedades. Também atuaram intensamente na edificação de capelas, igrejas e repartições públicas, essenciais e referenciais para a formação dos antigos arraiais. No entanto, seus nomes raramente são lembrados — apenas os dos proprietários de terras ou das autoridades locais permanecem registrados na história.

Ao final do período colonial, surgiram as irmandades do Rosário, compostas majoritariamente pelos chamados “homens pretos”. Essas confrarias religiosas tinham como um de seus principais objetivos a construção de templos e espaços onde os negros pudessem exercer sua fé de forma autônoma. Além disso, esses espaços permitiam a preservação de suas tradições culturais e religiosas.

A fundação de uma irmandade seguia uma estrutura organizacional própria, com mesa administrativa, conselho de irmãos, corte e estado-maior, acompanhados de suas respectivas guardas. Devi-

do à perseguição do clero em algumas cidades do país, muitas irmandades acabaram se desvinculando da Igreja Católica, passando a seguir de forma independente. Com isso, conseguiram formar um pequeno patrimônio para a irmandade, incluindo casas destinadas a reuniões e acolhimento de alforriados, além de terras para cultivo nas proximidades das igrejas.

As irmandades tornaram-se importantes espaços de acolhimento, resistência e valorização da ancestralidade. Nelas, os escravizados fortaleciam os vínculos sociais e mantinham vivas práticas que envolviam orações, rituais, danças, cantos e memórias herdadas de seus antepassados. Dedicavam-se, ainda, à confecção de terços, rosários e colares com sementes de um capim conhecido como “Contas de Lágrimas” ou “Lágrimas de Nossa Senhora”, entre outros serviços.

Nesse mesmo período, outras pessoas seguiam os caminhos de movimentos como os congados, de origem africana, que se desenvolviam no entorno das igrejas do Rosário — algo bastante comum em algumas comunidades.

No século XVIII, registra-se a construção do antigo templo localizado no Largo, dedicado a Nossa Senhora do Rosário. A tradição oral afirma que as grandes pedras que sustentaram a igreja foram, sem dúvida, colocadas com a força dos braços e das mãos escravizadas.

Sob as orientações de padres capelães que atendiam o curato de São Tiago, e com o auxílio de senhores abastados que possuíam propriedades na região, foi construída — com o trabalho dos escravizados que residiam na vila e em suas imediações — a igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Segundo o jornal *Cidadania* (2002), “(...) a igreja foi construída em pau-a-pique — um estilo muito comum no século XIX. Ela possuía assoalho de madeira, teto forrado com tábuas e alguns desenhos nas bordas, com bancos de modelo simples” (p. 08).

Em São Tiago, existem duas versões a respeito da história da construção da Igreja do Rosário. A tradição oral nos conta que a “Igreja do Rosário foi construída a partir de 1810, por escravos de propriedade do Sargento-Mór José Jacinto Rodrigues G. Lara (Fazenda da Papuça e Rio do Peixe), de onde teriam provindo as pedras do seu alicerce” (Boletim Sabores e Saberes, nº. XII, 2008, p. 05). Já na obra *Notícia Histórica do Município de São Tiago* (1972), Augusto Viegas informa que a construção da referida igreja, localizada no antigo Largo, atual Praça Ministro Gabriel Passos, ocorreu por volta de 1820, e seu principal expoente foi o capitão João Gonçalves de Melo. Ainda descreve: “Era um templo de estilo singelo que, lembrando o de todas as antigas capelas, evocava, em sua elegante e dominadora simplicidade, a pureza da fé que animou a piedosa geração que a construiu. Situada em frente à Matriz, com suas espessas paredes de taipa, o pequeno edifício, de indiscutível solidez, revelava o espírito providente e o firme caráter daquela austera gente. Em seu modestíssimo frontispício, a parte mais alta era dominada pela cruz. Além da porta de entrada, havia duas janelas no alto, que davam para a grande nave e para o coro, e que se ligavam à sacristia, de onde uma outra porta abria para a capela-mor. Esta, também pequena, destacava-se pelo bom acabamento, especialmente o arco-cruzeiro, que se apoiava em colunas bem proporcionadas. O trono, lançado em artísticos degraus trabalhados em graciosos contornos, constituía uma peça de fino trabalho, que evidenciava o carinho que, no passado, mereceu — como ainda hoje merece — o augusto sólido da excelsa Virgem Rainha do Rosário.”

As duas versões se relacionam pela intenção de construir mais um templo religioso. Na região, assim como em outras cidades próximas é comum haver uma igreja próxima à outra, além de um templo dedicado a Nossa Senhora do Rosário. Há um documento eclesiástico de 1849 que anexa as igrejas do distrito de São Tiago à freguesia de São José del-Rei (atual Tiradentes), no qual consta a Igreja do Rosário.

A primitiva imagem de madeira da padroeira da Igreja de Nossa Senhora do Rosário acredita-se ter sido doada por fazendeiros da região. No entanto, quando o antigo templo foi demolido, a imagem foi transferida para a Igreja Matriz. Posteriormente, com a construção do novo templo no Bairro Cerrado, a imagem foi colocada no altar dedicado a ela, juntamente com a imagem de Santo Antônio, que havia sido trazida da extinta Capela de Santo Antônio da Vila Ozanam.

Embora não haja registros, presume-se que, nessa capela, eram celebradas as festas do Congado, do Divino (em junho) e do Rosário (em outubro). Há quem afirme que, juntamente com a devoção a Nossa Senhora do Rosário, também eram venerados outros dois santos — Santa Efigênia e São Benedito —, além da presença de congados e reinados.

Foi nessa igreja que ocorreu um fato pitoresco, transmitido de geração em geração, envolvendo o ex-vigário, Pe. José Duque de

Siqueira. Conta a tradição oral que “o virtuoso vigário perdeu o terço que sempre carregava consigo. Ao procurá-lo para rezar e não o encontrar, disse que quem o tivesse tirado ficaria com a ‘mão seca’. Dias depois, o sacristão, ao subir à torre da capela para tocar o sino, viu um passarinho seco no ninho e, entre os capins e galhos, encontrou o terço do sacerdote.”

Durante a construção da atual Matriz (1902–1922), a Igreja do Rosário teve grande importância para a comunidade, servindo como espaço para celebrações de missas, sacramentos e reuniões. Em seu interior, também foram inumados alguns cadáveres.

Com o passar dos anos, após a conclusão das obras da nova Matriz, em 1922, a Igreja do Rosário foi gradualmente desativada, uma vez que o novo templo, mais amplo e espaçoso, comportava todos os fiéis. A antiga igreja passou, então, a ser utilizada para os ensaios da banda de música, catecismo e a realização de velórios de pessoas oriundas da zona rural, que não possuíam residência na cidade — uma vez que, na época, não havia um espaço público destinado a esse fim.

Sua demolição ocorreu na década de 1960, motivada pela pressão de algumas pessoas influentes, com o intuito de promover uma reforma urbanística. Justificaram-se, à época, as seguintes condições: “Impossibilidade de restauração, pois as paredes, construídas com terra socada (adobe e pau-a-pique), apresentavam avarias que as faziam inclinar; embora de estilo colonial antigo e muito simples, nada havia de original, artístico, histórico ou uniforme; a capela foi construída em etapas; a torre para os sinos diferia completamente do estilo inicial; a obra estava condenada pela planta urbanística da cidade, construída sem esquadro e sem passeio ao redor, o que tornava impossível realizá-lo; a igreja estava torta em relação ao conjunto da praça, em frente à Prefeitura Municipal.” (Avulsos IHGST)

Assim, para atender à demanda de urbanização da Praça da Matriz, a histórica e secular Igreja do Rosário foi demolida, sob as lágrimas de alguns e o silêncio revoltado de outros. Carreiros que, no passado, com seus carros de bois e juntamente com os escravizados, fizeram longos e exaustivos percursos para trazer as inúmeras e pesadas pedras que formaram o alicerce, não presenciaram a demolição de um patrimônio que, com tanta dedicação e esmero, ajudaram a construir. Anos depois, carreiros, com suas juntas de bois, atenderam ao pedido das autoridades locais e tiveram grande trabalho para retirar as pedras que foram a base e o sustentáculo do templo dedicado à Virgem Santíssima do Rosário.

A demolição gerou inúmeras controvérsias e tornou-se alvo de polêmicas, devido ao valor histórico, afetivo e cultural atribuído à antiga igreja colonial por grande parte da comunidade.

No desejo de que a devoção a Nossa Senhora do Rosário em São Tiago permanecesse viva, o dedicado e saudoso Monsenhor Francisco Eloi, junto à comunidade, idealizou a construção de uma nova capela em um terreno pertencente à paróquia, localizado na Praça São Vicente de Paulo. O local chegou a ser demarcado, e o projeto foi elaborado, mas permaneceu apenas no papel, devido à escassez de recursos. Ainda assim, tratava-se de um sonho que, de alguma forma, precisava se concretizar em breve.

Em 1975, declarado mundialmente como o Ano Internacional da Mulher, as mulheres conquistaram novo fôlego, vivendo uma fase marcada por grandes avanços sociais e maior protagonismo em diversas áreas. Foi nesse contexto que, por volta de agosto daquele ano, um grupo de mulheres são-tiaguenses — liderado pelas se-



nhoras Maria Luiza Vivas, Antônia Lara de Rezende, Maria do Carmo Almeida, entre outras — iniciou um movimento inspirado pelo decreto da Organização das Nações Unidas que proclamava oficialmente 1975 como o “Ano Internacional da Mulher”.

Motivadas por esse marco histórico e sensíveis às necessidades da comunidade, as mulheres decidiram agir em favor do Bairro Cerrado, que crescia significativamente, e propuseram organizar uma campanha para viabilizar a construção do templo destinado às celebrações religiosas naquela localidade. Assumiram com

dedicação essa missão e, na carta de campanha, expressaram com clareza a motivação inicial do grupo: “Desejamos que entre nós se concretize um marco desse acontecimento universal: Que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário seja construída pela generosidade dos corações femininos de nossa terra.”

Na luta diária, conseguiu arrecadar doações e, aos poucos, outras pessoas da comunidade foram se envolvendo e colaborando com a causa. Com esse esforço coletivo, foi possível formar um caixa para viabilizar a construção do templo. Com o apoio decidido dos paroquianos, a obra teve início, levou algum tempo para ser concluída e foi finalizada em 1978, sendo solenemente inaugurada e abençoada no dia 25 de julho pelo então bispo diocesano, Dom Antônio Carlos de Mesquita.

A Capela de Nossa Senhora do Rosário apresenta um plano arquitetônico mais moderno do que o da antiga igreja localizada no centro. Conta com uma pequena torre e um sino, além de ser ampla e bem estruturada.

Todos os anos, em junho, realiza-se a animada trezena em honra a Santo Antônio; em outubro, celebram-se as festividades dedicadas a Nossa Senhora do Rosário.

Na década de 1980, a imagem de Nossa Senhora do Rosário foi furada, sem que se deixassem pistas sobre o seu paradeiro. O ocorrido comoveu profundamente a comunidade. Sensibilizados com a situação, o casal Sr. José Alves de Gouveia e Dona Irene Rezende Gouveia, juntamente com seus filhos, liderou uma campanha para arrecadar recursos com o objetivo de adquirir uma nova imagem. A mobilização foi bem-sucedida: com as doações, foi possível encomendar uma nova escultura em madeira, que foi talhada e pintada artesanalmente na cidade de Resende Costa.

Em 2006, a Capela de Nossa Senhora do Rosário passou por uma significativa restauração e ampliação, adquirindo um novo estilo arquitetônico. Esse empreendimento foi viabilizado graças ao grande empenho do pároco da época, Pe. Alexandre Pereira da Silva, e do vigário paroquial, Pe. Roberto Carlos de Almeida.

Após a ampla reforma, a imagem menor que existia anteriormente foi substituída por uma imagem maior, em gesso policromado, posicionada em um dos altares laterais do presbitério. Durante muitos anos, após a trezena de Santo Antônio, a procissão com a imagem do santo era realizada em conjunto com a de Nossa Senhora do Rosário.

Empolgado com a revitalização da capela e atento ao desejo da comunidade, Pe. Alexandre decidiu, em diálogo com os fiéis, realizar separadamente a festa da padroeira, acompanhada de sua novena. A primeira celebração aconteceu em 7 de outubro de 2007. Desde então, as festividades de Santo Antônio e de Nossa Senhora do Rosário passaram a ser comemoradas de forma independente na capela, cada qual com sua própria programação litúrgica e social.

Marcus Santiago - IHGST/ALSJDR



Jacaré, um rio quase invisível

“O Jacaré não é um rio famoso, talvez você nunca tenha ouvido falar dele, mas cerca de 137 mil pessoas precisam dele para sobreviver, isso sem contar os seres não humanos e a população dependente dos rios dos quais ele é afluente” (Retratos de Rio, Ana Paula Santos Rodrigues).

O viajante desavisado, sem referências e informações, que



Passagem pelo Rio Jacaré – Google Maps

circula pela Rodovia BR-494 entre as placas 139 km e 141 km de quilometragem, divisa do município de São Tiago e o distrito de Morro do Ferro pertencente a Oliveira, verá um fundo de vale espreado, raso, tomado por flora típica, surgindo aqui e ali uma insinuação de água, uma lagoinha, um brejo, um córrego grande, talvez. Ele não imaginará por princípio que está de frente a um elemento geográfico relevante, o Rio Jacaré, de médio porte, extensão e importância. É possível, segundo especialistas, que este rio esteja se transformando em seu próprio fantasma. Hoje nem placa de ponte com o nome do rio existe mais, porque não há mais ponte, substituída por galerias escondidas sob a pista rodoviária para liberar o fluxo das águas do rio.

No Mapa Hidrográfico de Minas Gerais São Tiago está numa posição distinta contribuindo para a Bacia do Alto Rio Doce e a Bacia do Rio Grande, que capta as águas do Rio Jacaré em função da posição do divisor de águas. O Rio Jacaré surge da união do Córrego do Tatu que nasce em nosso município, e do Córrego Marimbondo que nasce em terras de Morro do Ferro. Atualmente é um rio de meandros acentuados, aparência barrenta, com 152 km de extensão no sentido geral leste a oeste, concluindo seu curso de viagem no Rio Grande, chegando ao lago artificial da Usina Hidrelétrica de Furnas. Em seu caminho suas águas abençoam os municípios de São Tiago, Oliveira, São Francisco de Paula, Candeias, Campo Belo, Cana Verde e Santana do Jacaré.

Não existem referências precisas sobre a origem do seu nome, nem qualquer correlação com o réptil predador, mas na língua tupi-guarani “yacaré” significa “aquilo que é torto”, talvez uma referência ao seu desenho sinuoso e retorcido.

Por morarmos em São Tiago e muito próximos a suas nascentes acompanhando-o na maioria das vezes somente até a Rodovia Fernão Dias, temos baixíssimo conhecimento sobre sua existência além de Oliveira. Nem imaginamos as realidades, as curiosidades, as belezas e atividades que se sucedem em suas margens até sua foz. No seu curso estão instaladas duas usinas formatadas como PCH (Pequenas Centrais Hidrelétricas) geridas pela empresa Luzboa S.A.: uma na Cachoeira Grande (Usina de Oliveira) e outra conhecida como Anil em Sant’ana do Jacaré. Registram-se várias instalações de areais, com dragas para extração do agregado fino. A água que abastece Oliveira é retirada do Rio Jacaré através do SAAE, autarquia municipal com poderes para essa função. Esse potencial hídrico também é utilizado para consumo humano particular, irrigação de plantações, criação de rebanhos distintos, pesca, e pontualmente cachoeiras para turismo e lazer, etc.

Outros exemplos: em Cana Verde ele é atravessado por um pontilhão ferroviário datado de 1907, tombado pelo Patrimônio Histórico e por ali ainda circula uma linha férrea pertencente à “Rota do Calcário” somente para transporte desse mineral de Arcos até Volta Redonda. Em Sant’ana do Jacaré o rio dá um abraço



Cachoeira Grande (Usina de Oliveira) – ipatrimonio.pt

protetor em meia cidade fazendo com que seus moradores escolhessem para batizar sua terra uma referência cruzada composta pelo nome da padroeira e o rio do seu quintal.

O Rio Jacaré em outros tempos já foi um rio bem mais caudaloso, largo e profundo, o que não parece compatível com sua configuração atual raquítica em nossas proximidades. Relatos de pessoas de localidades mais a jusante, onde ele já está mais encorçado, relatam que meninos e adultos competiam para ver quem conseguia tocar o fundo do rio em saltos e mergulhos, e poucos conseguiam. O antigo rio também era piscoso, palavra esquisita para dizer que havia grande quantidade de peixes prontos para os anzóis humanos. Era possível até pescar peixe de couro, o que nas condições atuais é praticamente impossível.

Análises técnicas hidrográficas, o testemunho de ribeirinhos e até mesmo a nossa intuição leiga autoriza a dizer que o rio está definhando, passível de ser colocado na prateleira de patrimônio natural em situação de risco. Os fatores são muitos e interconectados em um desenho complexo trabalhando como causa, mas o que realmente surge como consequência é o assoreamento. Quando foi construída a primeira ponte em madeira no limite do nosso município o tabuleiro para tráfego estava muitos metros acima do nível d’água, conforme fotos da época. Dizem que um cavaleiro montado passava sob ela.

O problema do assoreamento começa em uma realidade geológica além do planejamento humano. Os solos da região das nascentes do Rio Jacaré até o perímetro urbano do distrito de Morro do Ferro apresentam camadas medianamente profundas frágeis, com um maior índice de areia em detrimento de compostos mais argilosos. Se a cobertura vegetal e as camadas superiores não forem conservadas as camadas medianas não resistirão à erosão por ação da água sendo carregadas facilmente gerando o fenômeno da criação das Voçorocas, os esbarrancados coloridos



Obra da Ponte sobre o Jacaré – Face Book Memórias de São Tiago



Pontilhão Ferroviário em Cana Verde – ipatrimonio.org

dos de tabatinga tão comuns naquele entorno, e por tabela assoreando os cursos d'água vizinhos.

Se a contingência geológica está firmada será necessário assumir a necessidade de se tomar providências para mitigar os efeitos. Por princípio e como recomendação básica da cartilha proteger as nascentes e seus arredores. Posteriormente recompor as matas ciliares salvaguardando pequenas nascentes e fios d'água contribuintes e replantar as margens sem cobertura vegetal, onde possível. Nas áreas próximas de atividades humanas intensas seria aconselhável a utilização de práticas e técnicas de manuseio do terreno para a conservação da água no solo. Valas em curvas de nível e a presença de barraginhas, aqueles poços tipo panela singulares, podem minimizar a perda hídrica e o assoreamento.

Os areais também podem influenciar nocivamente o regime do rio. Rebaixar drasticamente a cota de topo do curso d'água pode drenar de forma acentuada e desproporcional a umidade das margens.

O regime do Rio Jacaré é bem característico e limitado por extremos. Reage rapidamente a chuvas intensas, chegando a inundar regiões, cobrir pontes e sitiar localidades, o que pode parecer exagero para nós que o conhecemos tão pequeno. Passados os eventos de cheia volta a apresentar baixas vazões. As estiagens dos últimos anos tem sacrificado o Rio Jacaré bem como todo o sistema hídrico da região. A Usina Cachoeira Grande, de Oliveira, já foi obrigada a paralisar a produção de energia elétrica por falta d'água. O Catiguá Campestre Clube, clube social de Oliveira, localizado ao lado da Rodovia Fernão Dias, foi intencionalmente projetado e construído ao lado do Rio Jacaré que formava uma espécie de lagoa de boa extensão. Essa lagoa fazia parte do complexo do clube, era importante esteticamente e apresentava até um pequeno ancoradouro, para pequenas embarcações, acreditava-se. Hoje a lagoa não existe mais para a infelicidade dos associados, restando um fundo seco sem atrativos.

Para defender o futuro do rio monta-se todo um arrazoado técnico e científico baseado em pesquisas e coleta de dados, listando causas, consequências e providências desejáveis, de modo que os argumentos sejam fortes e indiscutíveis, afastando possibilidades de fim, morte e tragédia, mesmo que se isso seja consi-



Sant'ana do Jacaré: pinterest.com

derado como excesso pessimista. Em uma analogia, maravilhosa e apropriada, não se pode esquecer que o rio, um longo filamento de água, é como um fio condutor da memória, da história e formação de uma identidade ribeirinha. É um universo repleto de fazendas antigas cheias de passado, propriedades novas cheias de expectativas, reino de casas de bisavós, avós e pais, famílias, heranças, testamentos, infância, de unção pela água do rio em brincadeiras e mergulhos. Isso é acervo imaterial, porém não menos importante, que se alia como argumento humano e sociológico à técnica e a ciência para defender a entidade Rio Jacaré. O demônio tem guardado muitas mentiras perigosas que podem virar verdade: se as memórias não existem mais por que se importar se aquilo que as gerou também continue existindo? Para São Tiago o Jacaré é como um filho pródigo: nasceu aqui e partiu, foi embora. Mas não será por isso que deva ser esquecido.

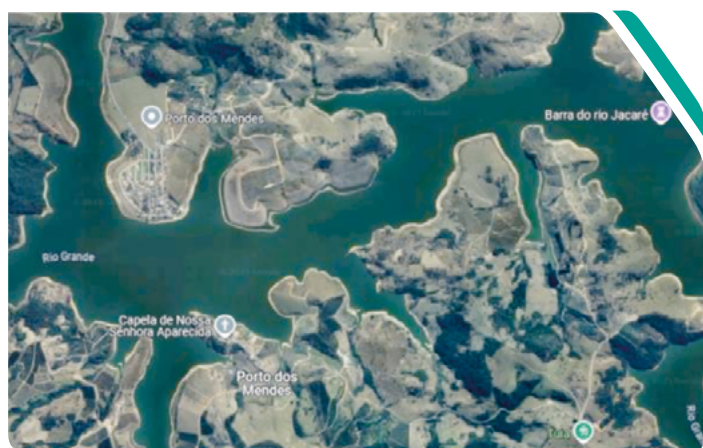
Nossa civilização tem sido cruel com as águas da natureza. Elas têm sido exploradas, sugadas, sequestradas e exterminadas, ou



Cachoeira do Tuneco – Face Book Visite Campo Belo MG

quase. Sofrem agressões por pobreza, ignorância, incompetência ou ganância desonesta. Como mais um rio comum sem defesas, o Rio Jacaré também recebe efluentes de esgoto sem tratamento!

O Rio Jacaré é um vizinho conhecido de todos nós e assim temos anotado seu endereço na nossa cadernetinha. Cruzamos com ele por aí de vez em quando, sabemos alguma coisa a seu respeito e temos certeza de que ele também passa por dificuldades. Isso chega até nos preocupar um pouco, mas não ao ponto de fazermos alguma coisa a respeito. Fazer é para poucos, mas deveria haver um número maior de pessoas minimamente conscientes e que se



Rio Jacaré chegando ao Rio Grande, em Furnas: Google Maps

importam. Pelo menos, quando o nosso carro cruza velozmente o Rio Jacaré, seria bom termos a certeza de que o rio também existe e vive em todos os outros instantes possíveis e restantes da vida, e não somente nos poucos segundos gastos na nossa travessia.

Fonte básica e inspiração: "Retratos de Rio, uma etnografia do Jacaré no Município de Oliveira, Minas Gerais", dissertação de pós-graduação de Ana Paula Santos Rodrigues; "As Águas do Jacaré", filme documentário de Luciano Soares.

FOTO: SÉRGIO NOGUEIRA



FOTO: MARCUS SANTIAGO



FOTO: SAUL MARQUES



FESTA DE JULHO: TRADIÇÃO, FÉ E PERTENCIMENTO

O mês de julho foi, mais uma vez, marcado pela intensa vivência religiosa, cultural e comunitária do povo católico são-tiaguense, que celebrou com grande fervor as festividades em honra ao seu padroeiro, o glorioso Senhor São Tiago Maior, bem como os 170 anos de instalação canônica da Paróquia (1855–2025).

Uma programação cuidadosamente preparada reuniu famílias locais e visitantes em momentos de fé e tradição. Como de costume, a festa foi realizada com grande apreço e dedicação.

Neste ano, destacou-se um gesto especial: ao final da celebração, o sacerdote saía da igreja com a pequena imagem primitiva de São Tiago, conduzida em um oratório semelhante aos usados pelos antigos tropeiros, que levavam a imagem sagrada junto ao peito como sinal de proteção em suas jornadas. O sacerdote então percorria o lado externo da Matriz, abençoando os voluntários que atuavam nas barracas de alimentação, no leilão de mesa e na barraca da víspora.

No dia 24 de julho, a cidade viveu momentos de especial devoção com a procissão em honra a São Cristóvão. Após a missa, uma tradicional carreta percorreu as ruas da cidade, encerrando-se com a bênção aos motoristas e seus veículos. Ainda nesse dia, à meia-noite, no palco montado ao lado da Matriz, ocorreu o já esperado momento da “Virada para o Dia do Padroeiro”. A celebração reuniu os paroquianos para dar as boas-vindas ao dia maior: 25 de julho. Com orações e cânticos, os fiéis entoaram o hino do padroeiro diante da imagem de São Tiago, especialmente ornamentada para a ocasião.

Na manhã do dia 25, aconteceu a 2ª edição da Romaria de São Tiago, com saída da Ermida Nossa Senhora das Graças (Capelinha do Capão) em direção à Igreja Matriz. O número de participantes foi visivelmente maior do que no ano anterior. Neste ano, a imagem do Senhor São Tiago acompanhou os romeiros até a chegada à praça. Lá, eles foram acolhidos na porta da igreja para a missa das 9h30.

Outro ponto alto da programação foi a inauguração do novo altar e do tabernáculo na Capela do Santíssimo Sacramento, apresentados à comunidade pelo padre Aparecido Paulo. A missa das 19h foi solenemente abrilhantada pela apresentação da Orquestra Lira Sanjoanense, cuja música elevou ainda mais o caráter litúrgico da celebração.

No dia 26 de julho, o município celebrou seus 76 anos de emancipação político-administrativa com uma missa

solene às 9h30, em ação de graças, comemorando o caminhar e as conquistas do município de São Tiago. Em seguida, houve o hasteamento das bandeiras, o canto do Hino Nacional e outras solenidades.

À tarde, às 15 horas, no salão do Edifício São José, realizou-se mais uma edição do “Chá da Vovó”, que homenageia a sabedoria e a presença dos avós na comunidade.

A noite, foi celebrada a missa em honra à Senhora Sant’Ana, padroeira secundária da Paróquia. Após 22 anos, foi resgatada a tradicional procissão com as imagens do Senhor São Tiago e da Senhora Sant’Ana lado a lado, simbolizando o reencontro de duas devoções que moldam a religiosidade local.

As celebrações de julho em São Tiago continuam a crescer, envolvendo cada vez mais a comunidade e os visitantes em um espírito de unidade, fé, pertencimento e tradição. A cada ano, novos elementos são incorporados, sem que se perca a essência das tradições mais antigas.

A festa de São Tiago não é apenas um evento religioso ou social: é o coração da identidade cultural do município, fortalecendo vínculos, renovando esperanças e perpetuando um legado de devoção que atravessa gerações.

Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR



Alunos do Recanto Feliz visitam o Memorial Santiaguense



As turmas do 2º período do Centro de Educação Infantil “Recanto Feliz”, junto com as professoras Isabela e Patrícia, realizaram uma visita especial ao Memorial Santiaguense. Durante o passeio, as crianças puderam conhecer de perto a história da cidade, apreciar sua cultura e descobrir curiosidades sobre as memórias que fazem parte da identidade de São Tiago.

A atividade fez parte do projeto “Cafezinho com Bis-

coito” da escola. A experiência no espaço com tantas memórias ajudou os pequenos a compreender a importância de valorizar as raízes da comunidade, despertando o sentimento de pertencimento e de preservação da nossa história.

O Centro de Educação Infantil “Recanto Feliz” reforça, assim, seu compromisso em proporcionar vivências significativas, unindo aprendizado, cultura e tradição.

SAUL E O PÉ DE ABÓBORA



Saul Sallete de Carvalho nasceu em São Tiago em 20/08/1936. Filho de Carlos Ribeiro de Carvalho, o Caíto, dentista prático da cidade, e Maria do Carmo Caputo, a conhecida Dona Sinhá Caputo. Seus irmãos eram Mariinha do Jandir, Dona Teca do Zé Carvalhinho, Luiz e Antônio Carlos, o Totonho. Ainda jovem saiu de São Tiago em busca de oportunidades. Seguiu para Governador Valadares sob a tutela e responsabilidade de seu irmão Totonho, ali já estabelecido, deixando para trás uma vida boa de mocidade, amigos e possíveis namoradas. Casou-se com Magdalena Andrade de Carvalho, de uma numerosa família de Açucena. Construiu sua própria família na simplicidade de filhos, netos, sitio e tudo mais que acompanha e importa.

Foi muito bem sucedido profissionalmente em Valadares. Por ter se formado como contabilista na década de 60 primeiramente montou um escritório de contabilidade conceituado (Corral Contabilidade Rural), ainda em atividade comandado

por seu filho. Posteriormente atuou no comércio de compra e venda de gado de corte atendendo frigoríficos. Alcançou sucesso nas duas empreitadas angariando respeito e consideração da sociedade valadarense.

Sua primeira impressão era mais séria e sisuda, mas não se sustentava. Quem o conheceu no grupo escolar afirma que era um menino levado. Saul era um mestre bem humorado na arte de conversar, contar casos e contar piadas, como seus irmãos Totonho e Teca. Dava muito valor ao costume de visitar e ser visitado, perfeito para o São Tiago em que viveu.

Saul amava incondicionalmente sua terra natal. Em consequência desse sentimento sempre que possível enfrentava a terrível rodovia da morte, a BR 381, para rever suas origens. Tornou-se expert na cômica arte de tecer os elogios mais absurdos a esta terra. Dizia que aqui a enxurrada na rua em dia de tempestade era muito mais límpida. Afirmava, também, com a maior certeza do mundo que os pernalongos de São Tiago eram muito mais educados e zuniam em um tom mais baixo e delicado. Sem querer fazer graça tecia referências ao clima e temperatura muito mais aprazíveis de São Tiago, com seu tradicional friozinho que tanto espanta e aterroriza os valadarenses, acostumados e maltratados pelo calor intenso e úmido de Governador Valadares, uma panela de cozimento a vapor abastecida com as águas do Rio Doce e a aquecida pela monstruosa pedra do Pico do Ibituruna ardendo ao calor do sol como uma trempe de fogão a lenha.

Saul partiu nas incertezas da Covid-19 em 13/12/2020, mas deixou suas referências. Aqui e agora entra em cena o pé de abóbora. Esse vegetal é uma trepadeira e admite crescimento rasteiro. É muito sem vergonha e se reproduz e alastra facilmente. Basta uma semente desviada e distraída achar um pedacinho de solo ou um vão macio entre as peças do calçamento e germinar. É bastante comum, pelo menos era, encontrar pés de abóbora produtivos em ruas mais tranquilas e afastadas. Somente isso já autoriza a elaboração de mais uma tese definitiva que caberia muito bem na prosa do Saul, dizendo que: “- Em São Tiago as ruas presenteiam gentilmente as pessoas com abóboras!”. Lindas e sadias abóboras, ele não se furtaria de muito mais inventar e acrescentar.

Fabio Antônio Caputo



REFLEXO DO ILUMINISMO

Fachada da Igrejinha de Pedra (Nossa Senhora do Rosário) em sua forma restaurada

Por Cida Fraga Chaves

O Coronel Xavier Chaves

Francisco Xavier Rodrigues Chaves nasceu na segunda metade do século XIX, em Lagoa Dourada, na Fazenda Mutuca.

Chegou em Lagoa Dourada, no século XVII, o português André Rodrigues Chaves. Veio das margens do Minho, o Norte de Portugal, eivado de ânimo e entusiasmo em busca da promessa do “el dorado”. Casou-se com Gertrudes Joaquina da Silva, mulher da terra, que à época possuía a excepcional virtude do domínio das letras. Chegaram em Lagoa Dourada, fundaram a Fazenda da Mutuca, tiveram filhos que se casaram com os filhos de seus vizinhos das terras do Camapuã. Um deles, Manoel Rodrigues Chaves se uniu em casamento com Tereza de Jesus Xavier, sobrinha dos ilustrados Padres Antônio e Domingos da Silva Xavier, irmãos do Tiradentes. Uma descendência numerosa de povoadores floresceu na região, entrelaçando-se às famílias da mesma origem e dos mesmos ideais.

A ilustração os caracterizava, entre eles destacou-se o Comendador Cipriano Rodrigues Chaves e Maria Magdalena de Miranda, pais de Tobias, Francisco Xavier e Maria da Penha Rodrigues Chaves.

Francisco Xavier estudou com seus irmãos, no Colégio e Seminário de Congonhas do Campo, dirigido por Padres Lazaristas, os mesmos que dirigiam o Colégio Caraça.

Tobias casou-se com Dona Maria Cornélia Ferreira da Fonseca, do Brumado (Entre Rios de Minas), família abastada conhecida como das mais cultas de Minas Gerais, de então. Era comandada pelo Padre Gonçalo Ferreira da Fonseca, da fazenda Olhos D’Água, homem de grande influência e ilustração, Presidente da Câmara de Queluz, um dos líderes da Revolução Liberal de 1842.

Dona Maria Cornélia, de breve existência, deixou de herança para seus filhos: Eduardo, Randolpho, Francisco e Maria Izabel centenas de alqueires de terras localizadas às margens do Ribeirão do Mosquito e Rio Carandaí. Tobias, casou-se, pela segunda vez, com Dona Maria Salomé de Resende, da fazenda do Bom Retiro, em Lagoa Dourada. Mudaram-se para as terras herdadas e fixaram residência na Fazenda do Sumidouro, Resende Costa, nas encostas da Serra das Vertentes, nos lugares do Minduri e Jacaré.

Francisco Xavier deixou Lagoa Dourada ao se casar com Joa-

na de Mendonça, herdeira da Fazenda do Mosquito. Chegaram, assim, os letrados Rodrigues Chaves às empobrecidas e esquecidas gentes, alheias aos movimentos sociais e culturais dos séculos XVIII e XIX, ainda presas a um colonialismo tardio e suas consequências.

Tobias, Francisco e Maria da Penha levaram livros para o “Quarteirão do Mosquito”; orquestra com piano, violino e instrumentos de sopro; banda de música e instrumentos apropriados para o Congado. Seu neto, Tobias, quando alto magistrado, contava da satisfação que seus avós sentiam ao assistirem as danças congadeiras e a banda de música acompanhando as procissões, que saíam da capela interior da casa grande, para a capela exterior de Nossa Senhora da Conceição, hoje chamada de a “igrejinha de pedra”.

Foi instalada uma escola pública para alfabetização, ministrada por Dona Maria da Penha.

O espírito empreendedor dos Rodrigues Chaves, habilitados do “comércio de grosso trato”, transformou as fazendas rurais, do Sumidouro, a mais recente do Rochedo, e a velha e decadente fazenda do Mosquito em produtoras de laticínios e aguardente, exportando-os para São João del Rei. Com o maior desenvolvimento das atividades foram instaladas as fábricas de manteiga e queijo, as oficinas de lataria, marcenaria e litogravuras, necessárias para a industrialização e para o transporte da produção local para o Rio de Janeiro. Abriu-se a estrada, construiu-se a ponte sobre o Rio Carandaí, ligando as terras à estação de César de Pina, da Rede Mineira de Viação, e facilitando o escoamento da produção das fazendas do Sumidouro, Rochedo, e outras de Resende Costa.

Construiu-se a usina de eletricidade que fornecia energia e luz para o pequeno arraial que surgia (hoje Coronel Xavier Chaves), para Resende Costa, Tiradentes, Prados e São João del Rei, que sofria um “apagão” de sua fornecedora.

Quando aqui cheguei, em 1957, oriunda de Bauru, São Paulo, fui tomada de surpresa: –oh! Havia telefones que ligavam o arraial a São João del Rei e às fazendas ao redor.

A necessidade de comunicação se fizera sentir, e fora ins-

talado, então, o serviço telefônico, e o correio que trazia os jornais informadores das notícias angustiantes da Primeira Grande Guerra Mundial.

Foi criado um curtume, e expandiu-se o alambique de aguardente.

Francisco Xavier usou de seus vastos conhecimentos, adquiridos junto ao Colégio dos Lazaristas, para idealizar e desenhar o traçado urbano de uma vila afim de abrigar a população que crescia. Partindo de sua fazenda do Mosquito, desenhou ruas em direção da estrada para São João del Rei, conservando também o caminho para velha fazenda do Pombal. Construiu a Igreja Matriz, ao seu lado o teatro, e o novo cemitério. Com respeito aos antepassados enterrados no velho adro, e sem nada alterar a centenária capela do Mosquito.

Ordenou ao Sr. Ângelo, o marceneiro, que esculpisse, em simplificado estilo do gótico flamejante, os altares em madeira de lei. Adquiriu o órgão apropriado para a igreja, onde sua irmã, Dona Maria da Penha, executava as músicas religiosas, segundo as barrocas partituras.

Em 1923, finalmente, inauguraram as construções das casas nas ruas ao redor do espaço reservado para a praça, a rua de cima para alguns trabalhadores e a Matriz. Todos os homens da família foram fotografados em frente a sua porta lateral. O Bispo da Diocese de Mariana, acompanhado do Cônego Antônio Carlos, entronizou a nova Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, com sua imagem transladada. A centenária capela conservou suas outras imagens com a devoção a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Os fatos ficaram registrados em fotografias que exibem o seu interior.

O lugar desmembrou-se de Tiradentes e passou a integrar a Comarca de Prados, com o nome de São Francisco Xavier. Os jovens Xavierenses frequentavam as atividades culturais de Prados, e aí serviam no “tiro de guerra”, do recém-criado Exército do Brasil.

Em 1911, Francisco Xavier faleceu, precocemente, no entanto, deixou determinado, em cartório, a doação das terras, vizinhas da fazenda Dois Córregos, para a Igreja e o direito vitalício de seus trabalhadores residirem onde haviam se instalado durante a construção dos imóveis da vila de São Francisco Xavier. Atitude que garantiu a esses trabalhadores o direito digno de moradia.

Mais tarde, seu filho, José Anselmo Chaves auxiliado pelo Sr. José Passarini, assumiu os empreendimentos restantes: o



Vista do Colégio do Caraça no século XIX, pintura do Museu da Inconfidência

adro da Matriz e a Usina de Eletricidade. Foram instalados os postes que levavam os fios de luz e telefone até as fazendas do Engenho Boa Vista, Dois Córregos e o Mosquito.

Em 1962, a vila se emancipou do município de Prados, graças aos esforços de seus netos, Dr. Tobias e Dr. Cipriano Chaves, o Soaninho, e as lideranças políticas locais exercidas por parentes afins, como o Sr. João Assunção. O município passou a se chamar Coronel Xavier Chaves, em homenagem ao seu idealizador e construtor.

“A posteridade tem desígnios insondáveis”, atesta a memória imortal de Francisco Xavier Rodrigues Chaves.

BIBLIOGRAFIA:

Memórias de Dr. Tobias Rodrigues de M. Chaves – ex Meritíssimo Procurador Geral do Estado de Minas Gerais.

Memorialista, Sebastião Patrício Pinto.

Jornais antigos de Prados.

Cida Fraga Chaves é escritora. Maria Aparecida Fraga da Silva Chaves, nascida em Bauru, SP, em 1936;

Co-fundadora do primeiro Conselho Estadual da Mulher de Minas Gerais, 1983 – MG;

Membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais – AMULMIG;

União Brasileira de Escritores, UBE– SP – São Paulo

Academia de Letras de Bauru, ABL– Bauru– S.P.

Cronista do Jornal Tribuna Sanjoanense, 1989/2020 – São João del Rei – MG

Fundadora da Associação de Mulheres Artesãs de Coronel Xavier Chaves de Minas Gerais – 1983 – AMAR-CHA – MG



Um registro durante celebrações religiosas ou culturais

Cônego Ananias de Paula Vieira, o Servo de Deus de Oliveira

No dia 1º de julho de 2025, a cidade de Oliveira, no interior de Minas Gerais, se encheu de alegria: um bom sacerdote que ali exerceu seu ministério havia sido oficialmente reconhecido como **Servo de Deus** pela Igreja Católica. Iniciava-se, assim, o processo de sua beatificação, atendendo a um pedido popular iniciado em 2020, conduzido pelo jovem Matheus José, seu pai Wagner Ribeiro e um grupo de fiéis, que reuniram mais de 3.000 assinaturas solicitando a abertura do processo.

Ananias de Paula Vieira, hoje Servo de Deus, nasceu em 10 de outubro de 1869, no distrito de Esteios, município de Dolores do Indaia, na fazenda das Piranhas. Desde pequeno, demonstrava generosidade e devoção à Nossa Senhora. Ajudava quem necessitava e trabalhava na roça com o pai. Na adolescência, sentiu o chamado à vida sacerdotal, deixando o campo para estudar no Colégio do Caraça. Lá se destacou como aluno aplicado, inteligente e sensível, escrevendo discursos e poemas durante seu período de formação.

Mais tarde, ingressou no Seminário de Mariana, onde foi ordenado sacerdote em 1888, pelas mãos de Dom Silvério Gomes Pimenta. Celebrou sua primeira missa em sua terra natal e, em seguida, foi transferido para a cidade de Piumhi. Nessa nova missão, destacou-se não apenas pelo zelo pastoral e espiritual, mas também por sua dedicação à educação de crianças e jovens — como recorda a oração pela sua beatificação. Fundou, na cidade, uma escola que deixou como legado.

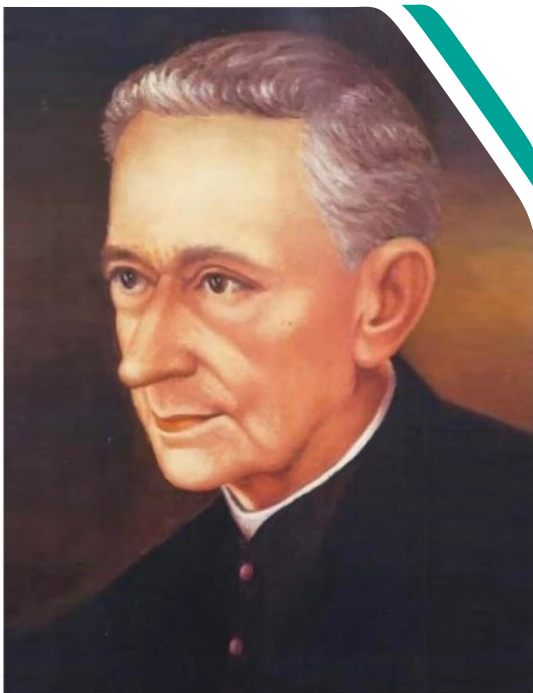
Em 1912, sentindo-se fisicamente fragilizado para continuar como pároco, solicitou transferência. Foi então para Oliveira, a fim de auxiliar o pároco da Matriz, Pe. Joaquim Lopes Cançado.

Na cidade de Oliveira, o Pe. Ananias logo se destacou. Recebeu o título de cônego, atuou como confessor, professor em várias instituições locais e capelão do Colégio Nossa Senhora de Oliveira (Escola Normal) e da Santa Casa de Misericórdia. Utilizava práticas inspiradas pela psicologia moderna, e, em 1953, publicou um livrinho intitulado “Biologia Prática”, com dicas voltadas à melhoria da qualidade de vida.

Era profundamente dedicado ao próximo. Nunca teve residência própria: morava de favor nas casas de fiéis, que o acolhiam com afeto. No dia 16 de julho de 1958, faleceu com fama de santidade. Seu desejo era morrer em um dia dedicado à Virgem Maria, e partiu justamente no dia de Nossa Senhora do Carmo — como ele mesmo havia esperado.

Numerosa multidão acompanhou o seu sepultamento. Nas ruas, os fiéis exclamavam: “Morreu um santo!”, “Tem mais um anjo aos pés de Nossa Senhora: é o Cônego Ananias”. Vários jornais da época noticiaram seu falecimento e o impacto causado por sua vida e morte, que desde então segue inspirando gerações.

Vários são os fatos e histórias que permeiam sua trajetória. Dois anos após sua morte, uma aparição curiosa chamou a atenção da cidade: na cabeceira da cama do falecido sacerdote, conhecido por sua fama de santo, surgiu uma silhueta que lembrava a Virgem Maria. Multidões acorriam ao local, e romarias vinham de outras regiões. Os visitantes passavam pela antiga residência e pelo túmulo do sacerdote. Tão grande era a devoção que o corpo do falecido foi transferido de local e, ao abrirem o esquife, observaram que a batina não havia se deteriorado com o tempo. Dessa batina, foram confeccionadas relíquias religiosas, distri-



Servo de Deus
Cônego Ananias de Paula Vieira

* Dolores do Indaia, 10-10-1869
† Oliveira, 16-07-1958

buidas aos fiéis com a autorização do bispo Dom José Medeiros Leite. Muitas crianças nascidas nessa época receberam o nome de ‘Ananias’, em homenagem ao agora Servo de Deus. Esses são apenas alguns relatos, entre tantos outros que renderiam um artigo apenas sobre eles.

No ano 2020, um grupo de fiéis, liderado pelo historiador, arquivista da Diocese de Oliveira e promotor da causa, Matheus José, juntamente com seu pai, Wagner Ribeiro, organizou um abaixo-assinado solicitando a abertura do processo de beatificação do Cônego Ananias. Foram recolhidas mais de 3.000 assinaturas, número muito superior ao necessário para essa etapa do processo.

Em 2024, foi celebrada uma missa pela alma do reverenciado sacerdote e, em outubro do mesmo ano, o bispo diocesano, Dom Miguel Ângelo Freitas Ribeiro, conduziu uma oração na qual os fiéis foram convidados a pedir a intercessão do Cônego Ananias.

No dia 1º de julho de 2025, início do mês dedicado a Nossa Senhora do Carmo e também mês em que se recorda o falecimento do sacerdote, uma grande notícia comoveu a comunidade: o Cônego Ananias havia sido declarado Servo de Deus, marcando oficialmente o início do seu processo de beatificação.

Os sinos da igreja matriz de Nossa Senhora de Oliveira repicaram festivamente, anunciando a boa-nova logo após a missa presidida por Dom Miguel.

Durante o mês de julho, uma programação especial foi elaborada para celebrar os 67 anos de falecimento do agora Servo de Deus, Cônego Ananias. De 7 a 15 de julho, foi realizada uma novena pelas redes sociais da página @conegoanania, além da oração de um tríduo transmitido pela Rádio DC2FM. No dia 16 de julho, às 19h, exatamente no dia e horário em que o Cônego faleceu, foi aberta a exposição comemorativa na Casa de Cultura Carlos Chagas, promovida por Matheus José em parceria com a Fundação Casa de Cultura, em memória desse importante personagem da história religiosa local. Na exposição, foram apresentados diversos objetos que pertenceram ao Servo de Deus, como objetos litúrgicos (entre eles a batina — bastante picotada, de onde foram extraídas relíquias), livros, escritos de sua autoria e sobre sua vida, fotografias, uma cadeira de uso pessoal, entre outros itens de valor histórico e devocional. A mostra permaneceu aberta até o dia 23 de julho. Em breve, será inaugurado o Memorial Servo de Deus Cônego Ananias, onde esses objetos estarão expostos permanentemente, inclusive a cabeceira milagrosa e demais elementos relacionados à sua devoção.

No dia 17 de julho, os sinos da antiga Matriz repicaram festivamente. Às 19h, foi celebrada a primeira missa oficial pela beatificação do Servo de Deus, também em memória dos 67 anos de sua páscoa eterna. A celebração foi presidida por Dom Miguel Ângelo Freitas Ribeiro, bispo diocesano, e concelebrada por Dom Antônio Carlos Paiva, bispo coadjutor de Oliveira, e pelo Pe. Roberto Carlos de Almeida (Pe. Betinho), pároco da paróquia local. Após a missa, foram distribuídas orações oficiais aos fiéis, e os religiosos visitaram a exposição na Casa de Cultura, guiados por Matheus José, promotor da causa de beatificação.

O processo de beatificação segue agora em sua fase diocesana, momento em que será instituído o Tribunal da “Causa dos Santos”. As pessoas que conheceram o Servo de Deus Cônego Ananias, desejam relatar graças alcançadas ou pedir orações, podem entrar em contato pelo e-mail: conegoanania@gmail.com (também chave Pix para eventuais doações) ou enviar correspondência para: Causa dos Santos — Praça Manoelita Chagas, 40, Oliveira/MG — CEP 35540-000.

Matheus José



DESFILE DA FESTA DO CAFÉ COM BISCOITO

Nossa querida cidade nasceu do encontro da fé com a coragem de homens e mulheres que buscavam esperança em novos horizontes. Pequena no tamanho, mas grandiosa na tradição, ela cresceu à sombra das serras, marcada pela religiosidade, pela arte biscoiteira, pelos causos, pelas vivências e por uma construção coletiva de significados. Gerações se sucederam, transmitindo valores e preservando nossa tradição. Durante muitos anos, junto à prestigiada Festa do Café com Biscoito, acontecia também o tradicional desfile – momento de orgulho e celebração da nossa tradição.

O desfile da Festa do Café com Biscoito era a representação viva da história da nossa cidade. Seguindo um trajeto pela Praça da Matriz, que se tornava o grande palco, cada passo das crianças, adolescentes e jovens, e cada música, recontavam a história do nosso povo, que construiu sua identidade sobre dois pilares simples, mas fortes: o café e o biscoito. Era um evento que reunia os esforços e a cooperação de todas as escolas, entidades e artistas, e dependia de horas de ensaio para que tudo saísse perfeito.

No cortejo, um dos quadros encenados era o do plantio do café. Em um ano, houve a representação de um trator carregando terra, com uma pessoa dentro da terra, como se estivesse imersa ao barro. Também eram retratados, por crianças com chapéus de palha e enxadinhas nas mãos, os agricultores que, com trabalho e suor, labutavam nos nossos cafezais. Logo depois, vinha a colheita, na qual jovens carregavam cestos, representando os grãos vermelhos do café. Essa cena lembrava o esforço dos dias inteiros com os pés de café, cantando, colhendo e partilhando a labuta. Por fim, o carro de boi, com seu som característico, seguia carregado com as sacas de café.

Em seguida, eram representadas réplicas dos antigos torradouros, de onde saía o aroma imaginário do café. Finalmente, as mesas enfeitadas, como as famílias compartilham o café recém-passado, símbolo maior da hospitalidade mineira. Porque, em São Tiago, o café não é apenas uma bebida, mas um gesto de acolhimento – de abrir as portas da casa e do coração.

No desfile, a história do biscoito era contada nos detalhes, preservando a memória que atravessa gerações. Para o preparo da massa, eram encenadas cenas com crianças usando aventais e trabalhando nas gamelas, junto ao fogão a lenha. Além disso, era retratada a história relacionada à origem da povoação e à busca pelo ouro, com crianças passando a cavalo e segurando nossas bandeiras.

A participação de todas as escolas do município era essencial

para o desfile. Os alunos, desde os pequenos da educação infantil até os jovens do ensino médio, desfilavam como partes integrantes da história, encenando passagens importantes.

O café e o biscoito não são apenas coisas do passado; eles se renovam a cada geração, sendo aprendidos, vivenciados e transmitidos pelas crianças e jovens que carregam essa herança cultural.

Nenhum desfile em São Tiago poderia deixar de retratar a religiosidade, uma marca profunda do povo mineiro e da maioria dos são-tiaguenses. As festividades religiosas reforçam que fé e cultura caminham lado a lado.

Todos os desfiles contavam com a presença da Lira da Imaculada Conceição, a principal referência da música na cidade. Outro símbolo marcante era o autofalante, representado por personagens que relembavam os tempos em que notícias, recados e convites para festas ecoavam pelas praças e ruas, sendo a principal forma de comunicação coletiva. Naquela época, falecimentos, missas e avisos importantes eram comunicados por meio desse recurso.

No desfile, também havia espaço para homenagear aqueles que ajudaram a construir a identidade do município: professores, artistas, escritores, agricultores, comerciantes, empreendedores e biscoiteiros. Eram representados homens e mulheres que, com suas vidas, marcaram a vida coletiva da cidade. O público assistia a uma comunidade viva, unida e orgulhosa de sua história, expressa na convivência entre as gerações: os idosos, com seus chapéus e bengalas, caminhavam ao lado de crianças vestidas de lavradores, forneiros e biscoiteiras. Era uma cena que mostrava como os jovens são a energia do presente, enquanto os adultos se tornam o elo entre o passado e o futuro.

A tradição não morre: ela se transforma, se adapta e continua viva em cada história contada. O café e o biscoito contam uma narrativa de simplicidade, mas também de grandeza, construída com trabalho, esforços e o desejo de um futuro promissor.

Assim, a Festa do Café com Biscoito, através do desfile, reafirmava uma forma graciosa de mostrar um pouco da nossa cidade a cada visitante que marcava presença.

Atualmente, é representada pelos cortejos do grupo de artistas, que fazem apresentações em momentos específicos da festa, junto com outros movimentos culturais, como a Folia de Reis Mirim, o grupo "Cara de Pauco" e a Batucada Fest.

Fernando de Castro Campos



Doce ou Azedo

Usar a expressão “ensinar o pai-nosso ao vigário” é o equivalente a tentar transmitir um conhecimento àqueles que já o dominam muito bem. Pretender falar de polvilho para santiaguenses na Cidade do Café com Biscoito é com certeza um caso que se enquadra perfeitamente na definição. Infelizmente o número de vigários está diminuindo e coisas que achamos óbvias podem não ser.

Simplificando, o polvilho é a fécula da mandioca, o amido proveniente daquele tubérculo. É uma farinha fina, desprovida de cheiro e sabor. Resumidamente sua produção envolve moagem da mandioca, decantação, fermentação (opcional) e secagem. Pode ser doce ou azedo. O polvilho doce é o básico e o azedo se obtém permitindo a fermentação do amido inicial e natural. Ele é destinado a múltiplas aplicações em vários setores da indústria: alimentícia, de medicamentos, estética, têxtil, de papel, cervejas, embutidos, colas etc.

O polvilho é muito presente e visível na culinária, panificação e fabricação de quitandas como pães de queijo, uma imensa variedade de biscoitos que inclui nossa conhecida torradinha e muito mais. A valorizada tapioca, a goma, é simplesmente polvilho.

Os europeus já encontraram a mandioca no Brasil onde era utilizada pelos indígenas para o consumo em natura e produção de farinhas e bebidas. Já estava traçado então o caminho que levaria até às nossas versões de polvilho.

O renomado historiador Luís da Câmara Cascudo indica que o biscoito de polvilho, um excelente exemplo de tradição alimentar genuína de nossas terras, teve em Minas Gerais o seu ponto de excelência, sendo preparado nas cozinhas das fazendas já no século XVIII. Essa joia da culinária do Brasil Colonial baseada em uma receita simples que provavelmente foi criada ou adaptada por escravos. Popularizou-se saindo do interior do país e tornou-se apreciado em várias outras regiões. Além do polvilho, o leite, ovos, o queijo e a banha já faziam parte do cenário rural o que facilitou seu sucesso. É uma iguaria que se destaca por sua leveza, seu sabor e uma textura crocante. Esse biscoito em outras regiões recebe nomes como “avoador”, “biscoito de goma” ou “peta”. Genuinamente brasileiro, não se encontra variações dessa quitanda em outros países. O biscoito de polvilho assume várias personalidades: torradinha, biscoitão, papa-ovo, Dona Rosa, Barbace-na entre outras. Se nada for dito de antemão, é torradinha.

Junto com o biscoito de polvilho o outro pilar de sustentação dessa culinária tradicional é o pão de queijo, cuja trajetória é um pouco mais complexa e também se origina nos meados do século XVIII em Minas Gerais. Possuindo os mesmos ingredientes do biscoito de polvilho, abundantes àquela época, ele foi o resultado de uma tentativa de driblar a escassez de trigo importado, em busca de um produto de textura mais macia, com sugestões de panificação. O pão de queijo, com sua estrutura e sabor único, é bem mais elaborado, um ícone da culinária mineira e um definidor cultural do café que extrapolou fronteiras. Infelizmente, pela sua natureza o pão de queijo assado não se presta a produção massiva industrial, com armazenamento, transporte e distribuição. Pouco tempo depois de pronto endurece e perde suas qualidades.

O pão de queijo possui similares em outros países. O Paraguai, o Uruguai e a Argentina produzem uma iguaria chamada “chipa”, que possuem textura mais densa e crosta crocante. Na Colômbia existe o “pandebono”, bem parecido, mas com o formato achatado. No Equador e Bolívia se encontram o “pandeyuca” e o “cuñapé”, respectivamente.

As quitandas de polvilho incentivam a evocação de uma imagem mental que projeta uma grande mesa de café, em fazendas coloniais ou cidades do interior, repleta de biscoitos, broas e bolos, com um bule fumegante ao centro, num ambiente que aquece e conforta. Entretanto, existem situações que encantam pelo seu quase total absurdo. Em 1953 três irmãos, Milton, Jaime e João Ponce, abriram uma fábrica de biscoitos de polvilho em São Paulo. Por princípio foi distribuído no Bairro de Ipiranga onde conquistou uma grande freguesia. Fizeram um teste no Rio de Janeiro e o sucesso foi tanto que levou os irmãos a transferirem corajosamente o negócio para aquela cidade, em 1955, onde foi batizado como Biscoito Globo. Com o tempo esse biscoito se transformou em uma mania onipresente nas praias cariocas, o reino do calor do sol e bebidas geladas, o que é radicalmente oposto à sensação de uma cozinha colonial. O Biscoito Globo e o Matte Leão, consumidos juntos, é a dupla preferida das praias e são considerados Patrimônio Cultural Carioca. Entretanto, santiaguenses que já provaram avaliaram que não é nada demais! Biscoito sem cabedal.

Se São Tiago é reconhecida como a Cidade do Café com Biscoito o título de Capital do Polvilho artesanal vai para Conceição dos Ouros, uma cidade de 12 mil habitantes, do mesmo porte do nosso município, localizada no extremo sul de Minas Gerais. Numa história que perdura 70 anos a cidade alcançou esse status investindo na produção da matéria prima e buscando avanços tecnológicos para o processo de produção. No ano de 2024 a cidade produziu mais de 11 mil toneladas do produto.

São Tiago já teve algum destaque na produção de polvilho, o que hoje não faz muita diferença, pois toda a produção atual é destinada ao consumo interno pelas fábricas de biscoito, as padarias, não sendo a exportação objetivo final. Alias, existe a necessidade de importação para manter o setor em atividade.

O Sr. Alziro, dos Melos, produz um polvilho artesanal muito conceituado que é vendido no comércio local em sacos plásticos simples e etiquetados com seu nome. Era o preferido da minha mãe, que sempre pedia para comprar e levar para ela em Belo Horizonte. Ela fazia dois clássicos de difícil execução: o biscoito doce e o salgado, fritos, de polvilho. Depois que ela se foi herdei uma peregrinação sem fim para degustação de versões comerciais que nunca se aproximam das lembranças. Isso é recorrente. Parece uma maldição repleta de amor que nossas mães, avós e tias lançam para além do fim de suas melhores produções culinárias.

Com o passar do tempo nossa existência se aquieta e o polvilho se une às memórias dessas mães, avós e tias e sua culinária especial para criar um sentimento que extrapola uma simples farinha.

Imagens: tudogostoso.com.br e bemintegral.com.br

Fabio Antônio Caputo

70 ANOS DO FALECIMENTO DO PE. JOSÉ DUQUE

SERIAM NUUVENS?

Não sei se me lembro desse fato ou se minha lembrança faz parte das histórias de meus pais. Morávamos na roça. Eu tinha dois anos e alguns meses. Sempre minha mãe, Noé e eu, íamos levar comida para os porcos, na manga, a uns quinhentos metros de casa.

Certo dia, por volta de treze horas, depois de preparada a comida, fomos cumprir nossa obrigação. Minha mãe ia à frente carregando o Noé – com um ano e pouco – e a vasilha de alimento dos porcos. Eu ia atrás, pelo trilho, bem devagar, com certa dificuldade, observando tudo à volta.

De repente parei e gritei:

– Mãe, olha lá no céu!

– O que é, menina?

– Olha, mãe. É Nossa Senhora dando a mão ao Menino Jesus e ao Pe. José Duque.

– Que isso, Netinha. São nuvens. O céu está todo azul. Só tem três nuvens, bem branquinhas, muito altas. Presta atenção no caminho e anda mais depressa.

Fiquei quieta e obedeci.

Mais tarde, ar muito parado, meus pais ouviram o sino dobrar. Pouco depois, meu pai, que já estava no curral apartando as vacas, ouviu o sino dobrar novamente. Comentou:

– Deve ter morrido alguém muito importante na cidade para que o sino dobre tão triste.

À noite, tio Nhozinho chega com a notícia:

– Pe. José Duque faleceu, de repente, em sua casa, no início desta tarde.

Até hoje fico imaginando: e o que vi, seriam mesmo só nuvens?



Carlita Maria de Castro e Coelho.
Membro do IHGST

1925-2025 – CEM ANOS DE ATUAÇÃO DE INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS EM SÃO TIAGO

As primeiras instituições financeiras a se implantarem/atuaem em São Tiago, datam de 1925. É o que se pôde apurar, até o momento, com base nos dados histórico-informativos disponíveis, sejam locais (cartórios e afins) e oficiais (Banco Central).

O final do século XIX e inícios do século XX, período da chamada “República Velha”, foram marcados pela constituição/operacionalização de vários agentes financeiro-bancários no Brasil, ênfase para o Estado de Minas Gerais, quase todos eles de curta duração. A partir de 1909, em especial, haveria uma explosão de abertura de estabelecimentos bancários na região geoeconômica São João Del-Rei/Zona da Mata, e extensivamente o sul de Minas, dada a influência exportadora regional – café, cana, dentre tantos produtos – e a estreitas ligações com o parque comercial-industrial paulista, então em expansão.

Os registros disponíveis – arquivos do Banco Central do Brasil – apontam a existência, em 1925, de duas instituições financeiras, entre nós, a saber:

• Filial do Banco Comércio e Agrícola A. C. Pinho & Cia. Ltda. fundado em São Sebastião do Paraíso em 1924, com o capital de 1:000&000 “alcançando uma filial em São Tiago no ano seguinte. Em 1927 com Antonio de Carvalho Pinho na gerência passou a chamar-se Banco Comercial e Agrícola Sociedade Limitada” (Cláudio Albuquerque Bastos – “Instituições Financeiras de Minas 1819-1955” BH, BDMG, 1997, p. 99).⁽¹⁾

• Banco Rural de São Tiago com capital de 250:000&000 (Arquivos do Banco Central). Não foi localizado seu registro na Junta Comercial. No Cartório de Notas de São Tiago nada foi encontrado. Contactos com o Cartório da Comarca de Bom Sucesso, município do qual São Tiago se emancipou em 1948, não se obteve sucesso/acessibilidade.

Este estabelecimento – Banco Rural – provavelmente tenha sido absorvido/incorporado, em 1928, à Caixa Rural de São Tiago, então fundada e que tinha como diretor José Campos (Fonte: Arquivos do Banco Central).

Neste mesmo ano (mais precisamente a 06-01-1928) foi igualmente fundado o Banco Popular de São Tiago, popularmente denominado “Banco do Palumbo” – alusão a seu fundador Francisco Antonio Palumbo⁽²⁾ – que viria a funcionar aproximadamente até 1937, vitimado pela crise financeira de então e ação de tomadores fraudulentos.⁽³⁾

Há, ainda, referências ao Banco Agrícola Santhiaguense, confor-

me noticiado no jornal “Estado de Minas”, Caderno dos Municípios, vol. IV, ano 1931, p. 259 (pesquisas de Marcus Antonio Santiago) sem maiores informações acerca desse estabelecimento.

Como instituição financeira genuína, surgida em São Tiago e aqui operando ininterruptamente, há 39 anos, o SICOOB CREDI-VERTENTES, cooperativa de crédito de livre admissão, fundado aos 27-08-1986, com agências em cerca de 25 cidades das regiões Vertentes e Mata.

NOTAS

(1) O jornal carioca “A Noite”, edição de 30-08-1927, p. 3 traz matéria a respeito da mudança do nome desta instituição financeira (A.C. Pinho).

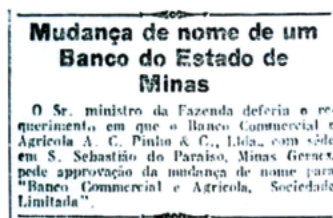
(2) Francisco Antonio Palumbo, natural de San Giovanni a Piro, região de Campania, Salerno (Italia), onde nasceu aos 07-03-1885; migrou para o Brasil aos 17 anos, aqui chegando a 04-09-1902. Estabeleceu-se em São Tiago em 1906, atuando nas atividades agrícolas e industrial-laticinista (fábrica de manteiga) além de comércio. Casou aos 27-08-1908 com D^a Beralda Augusta de Resende, filha de Francisco Joaquim de Resende e D^a Josefina Lina Viana, proprietários da Fazenda Pau da Bandeira. Casal com 7 filhos: Ferdinando, Setímio, Paulo, Matildes, Francisco, José, Benito.

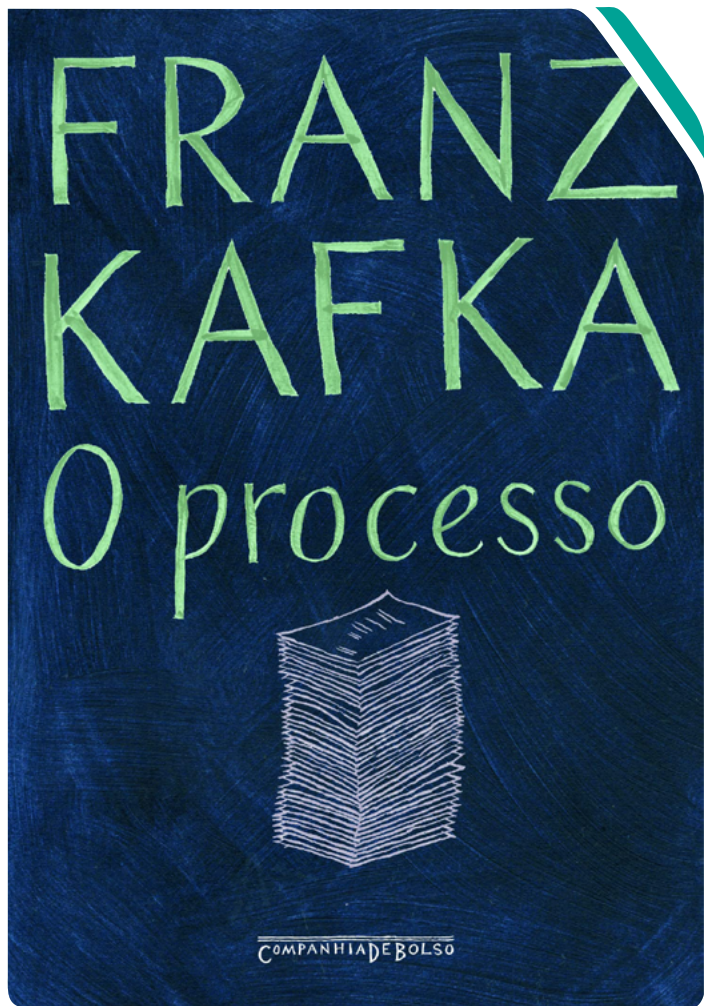
Francisco Antonio Palumbo faleceu em São João Del-Rei aos 15-08-1954, sendo sepultado no Cemitério do Rosário. Sua esposa, D^a Beralda, faleceu, por sua vez, aos 27-12-1975, igualmente em São João Del-Rei.

(3) “Por volta de 1937, as pessoas estavam numa pindaíba só, não havia dinheiro. Foi uma quebradeira de dar dó. O banco de meu pai ficou balanceado. Fomos levando até 1937, mas, nesse ano, a crise aumentou. Os acionistas desesperaram e fecharam o banco. Meu pai teve de vender a Fazenda da Boa Vista de 35 alqueires nos Melos por dezenove contos de réis. Também fez praça de gado e porcos, mas a renda foi pouca. Com esse dinheiro, ele pagou todos os acionistas e credores (...) Sobraram, dessas transações, seis contos e seiscentos réis. Com esse dinheiro, meu pai comprou um terreno e casinha com mais ou menos sete alqueires num lugar chamado Campo do Curral, perto do Congo Fino” (Paulo Palumbo – “Minha vida de caixeiro viajantes” São João Del-Rei, 2005, pp. 6/7).

Temos, em arquivo, ações movidas pelo Banco Popular, à época, Comarca de Bom Sucesso, contra devedores embusteiros, comprovando que a Instituição fora vítima de fraudes contra execução.

Sobre bancos e instituições financeiras em São Tiago e região, ver matéria em nosso boletim nº CLXIII – abril /2021.





1925-2025 – CEM ANOS DE LANÇAMENTO DO LIVRO “O PROCESSO” DE FRANZ KAFKA, CLASSICO DA LITERATURA MUNDIAL A JUSTIÇA QUESTIONADA E REPROVADA

“A lei deveria ser acessível a toda a gente” (Franz Kafka)

Comemora-se em 2025 o centenário de publicação do romance “O Processo” de Franz Kafka (1883-1924), obra lançada no mercado em 28 de abril de 1925: passados cem anos, continua ecoando inquietante, retumbante no sistema processual brasileiro e mundial. Um dos livros mais importantes da literatura universal, onde o grotesco e a opressão imperam, o absurdo toma conta do cotidiano, mas se apresentando solene e arrogantemente como natural, normal.

Na obra, o protagonista Josef K, um camponês, vê-se surpreendido por uma acusação vaga, ardilosa, sem motivação plausível, passando a mergulhar num processo judicial incompreensível, obscuro, caviloso – um tribunal sem forma, sem rosto, onde é impedido de entrar por um porteiro toga-

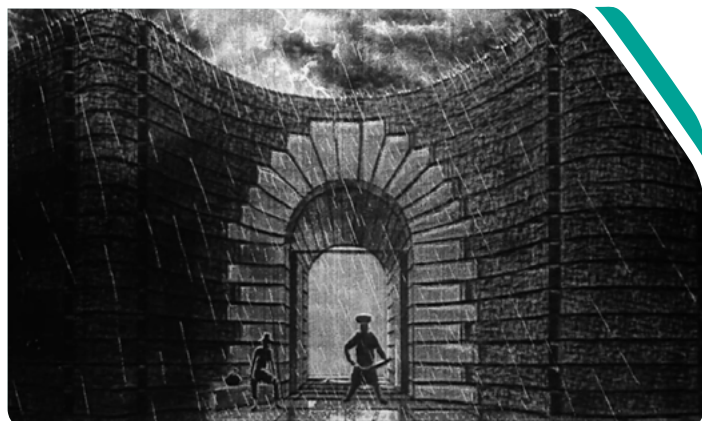
do. Uma justiça opressiva, absurda, surreal, não transparente, sistema inteiramente insólito, desconhecido pelo personagem, não tendo o réu sequer como se defender. A justiça, enfim, impenetrável, invisível, inquisidora. Obra adaptada para o cinema por Orson Welles em 1962.

Kafka denuncia em sua polêmica e excepcional obra, não só o autoritarismo, mas principalmente a despersonalização e o esvaziamento do sujeito, sob a premissa do princípio de igualdade, provocando um tratamento degradante, aterrorizante, a quem dependa ou se torna infeliz alvo deste ciclópico sistema (Ver, a esse respeito, a obra/texto “Direito, justiça e mito: uma leitura a partir de “O Processo” de Franz Kafka” – Daniel Acosta e Ruth Castanho).

A jurista Thainá Barrionuevo pondera, por sua vez, que a citada obra escancara a ausência de princípios e garantias mínimas no direito como o contraditório, a ampla defesa, a publicidade, transparência e imparcialidade. Nada é plenamente legal, legítimo ou natural num processo (Obra/Texto “Os princípios processuais constitucionais e a obra “O Processo” de Franz Kafka”).

Kafka, com o seu personagem Josef K, denuncia um sistema judiciário opaco, inacessível, sumamente formalista, instrumentalizado, o fracasso da apelação, onde um processo torna-se um pesadelo, uma angústia, e nunca um instrumento de esperança, de justiça corretamente aplicada. O cidadão ante um sistema totalitário, frio, onde tem que se aceitar tudo e é descartado como um objeto a entulhar a sala de mármore e marfim. Onde não se precisa de crime para se punir alguém – basta o contexto. A escuta é substituída/reprimida pela automação, o despotismo, desumanização, a incógnita. O absurdo é a norma. Tudo funciona sob protocolos, liturgias paranóides, intocabilidades, perdendo o indivíduo a sua capacidade identitária. Somos – e estamos – previamente condenados. Nossos recursos, nossas vozes jamais serão analisadas, nunca nos chegará a redenção, pois a maçã – tão nobre, palatável – é podre. No fim da parábola, o porteiro diz ao homem do campo, sarcasticamente, que “a porta sempre esteve aberta”, mas não lhe foi dado sequer um sinal e permissão para entrar. A voz silenciosa, silenciada de quem espera, em vão, por justiça. Não basta dizer que a porta está aberta, esta tem que estar realmente liberada, transponível, transparente e a serviço do real interesse social.

O camponês barrado pelo porteiro togado é o símbolo do cidadão indefeso ante o dogmatismo jurídico, o instrumentalismo processual, o absolutismo da corte “Os tribunais superiores se transformaram em um portão inexpugnável, uma autêntica muralha composta (...) por órgãos que “determinam” o que é de direito, um estoque de normas para o futuro. A porta da lei foi capturada por uma lógica instrumentalista do processo que legitima a negação da justiça sob o pretexto de “eficiência” e de filigramas jurídicas” (Lenio Luiz Streck – <https://www.migalhas.com.br/quentes/433018/cem-anos->



Portão implacável / doorkeeper



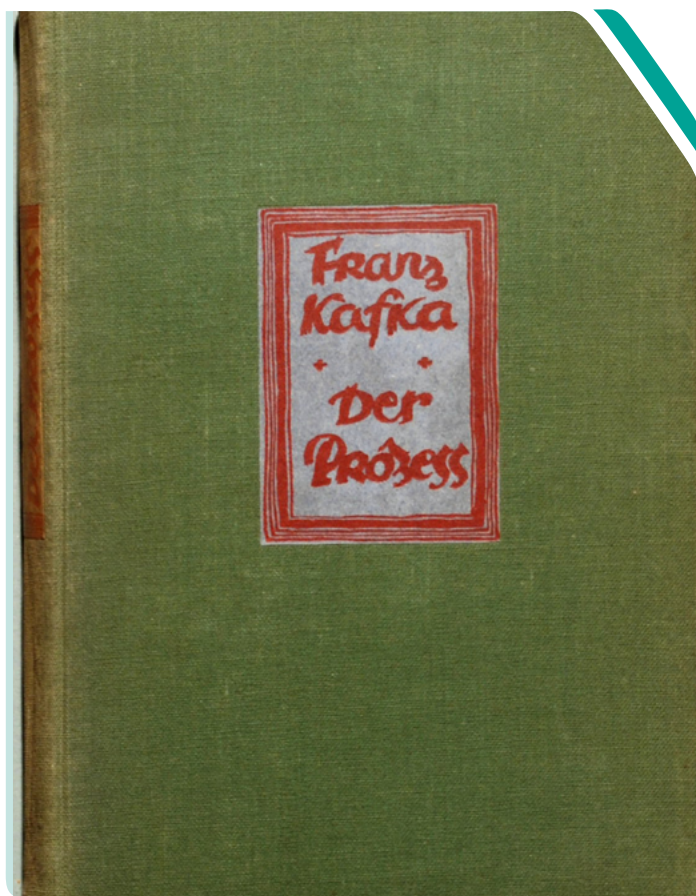
Ilustração expressionista / surreal de O Processo

-de-o-processo-de-kafks-inspiram-reflexão-sobre-a-justiça, acesso em 27/06/2025).

A justiça que elimina o ratio (razão/razoabilidade), criando a ficção de precedentes persuasivos, irracionais, ilógicos, tanto assim que a doutrina jurídica desapareceu das faculdades de direito. A porta da lei, segundo Kafka, que permanece esfingica, sibilina, restrita. O camponês kafkiano somos todos nós pobres, confusos, cidadãos indefesos, sem voz e vez, confrontados por sumulas, precedentes, regramentos disparatados, interpretações anômalas que transformaram a justiça em um labirinto enlouquecedor, apavorante, elitista. Com isso, lá se foram democracia, pluralidade, diversidade próprias de nossa cultura, nossa indole tropical e miscigenada.

Mesmo a afirmação constitucional de que todos somos iguais perante a lei é, na prática, puro engano, pois alguns patricios são MAIS iguais do que os outros. Tanto que os tribunais acham-se cheios de decisões conflitantes, em casos e situações similares (Karolinne Cordeiro Santos – “Dois pesos, duas medidas: casos semelhantes com decisões diferentes” OAB/AL – <https://www.oab.al.org.br> 2021/09). Como entender isso?! Há duas ou mais justiças, uma de magistrados concursados, outros por indicação política, daí ver-se sentenças de 1ª ou mesmo 2ª instâncias serem absurdamente revertidas

em instâncias MAIS altas. A ação do elitismo, da hegemonia do poder pelo poder, do dinheiro, dos conchavos subterrâneos. Ninguém graúdo condenado por corrupção e até mesmo poderosos chefes do tráfico soltos pela última instância. A porta da justiça, pelo visto, passados um século de “O Processo” não é acessível, disponibilizada ao cidadão comum!

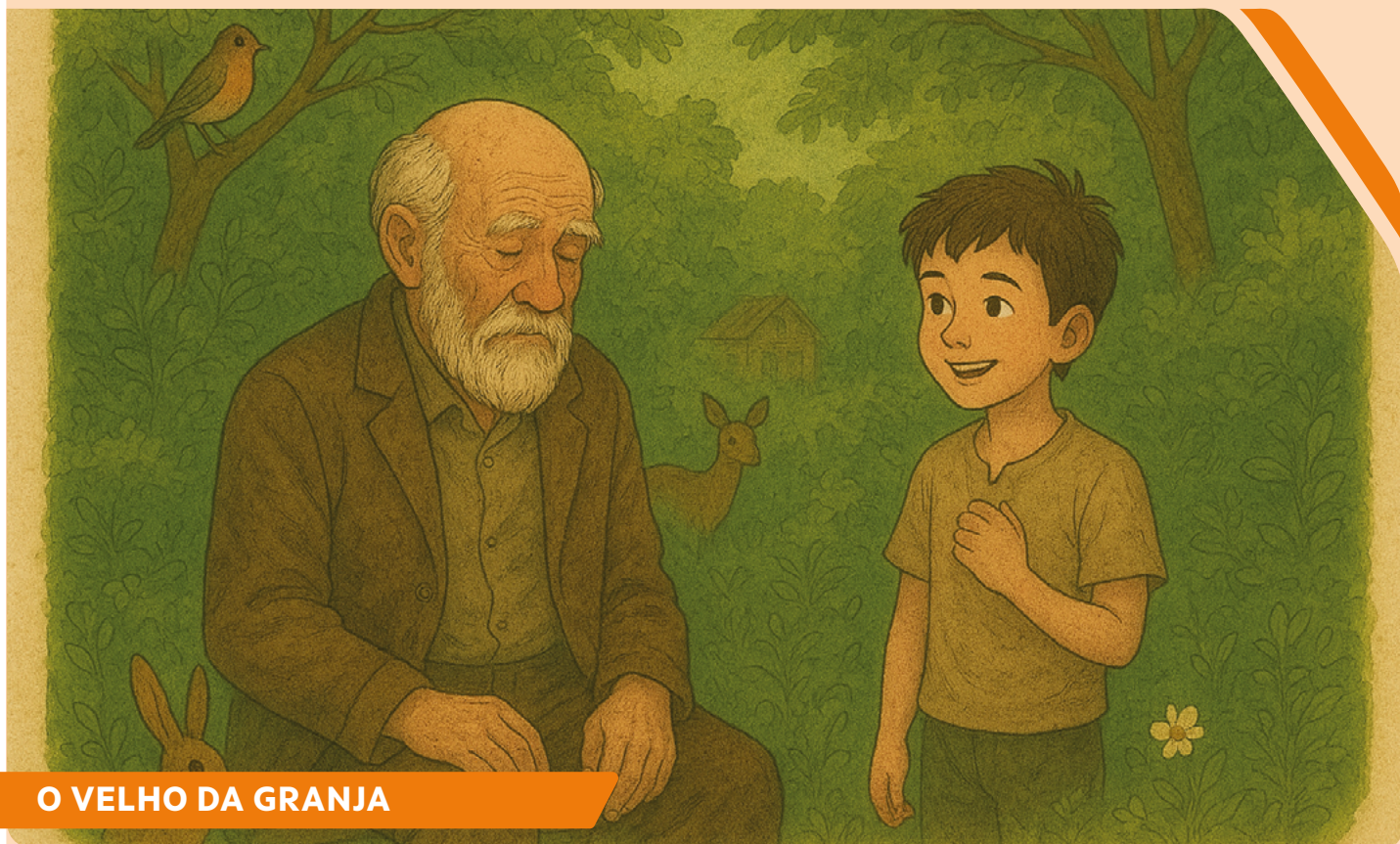


Primeira edição de Der Prozess (1925)



Cabeça rotativa de Kafka por David Černý (2014)

AO PÉ DA FOGUEIRA



O VELHO DA GRANJA

Para muitos – como sói ocorrer na sociedade, mormente nos tempos vigentes – era um idoso a mais, sem rosto, sem voz, rodeado pelo matagal e bicharada, em meio à insegurança, o enfado. Ah, sim, perscrutando-se a memória, era ele um recluso, há décadas, em tosca granja, na periferia da cidade, e, ao contrário do pensamento comum, rico de experiências, pertencimento, nobreza existencial. Ali emprestava valor às coisas, cuidando, anos a fio, do pomar, viveiro de flores, de animais domésticos, criação de abelhas indígenas.

A memória presa entre o presente operoso e o passado difuso. Fora ele, no passado, tropeiro, mercador, viajando décadas pelos sertões, retornando, ao final da vida, à urbe natal. De pouquíssimo falar, pouca sociabilidade, existência franciscana, residindo no pequeno sítio, um tanto quanto longe dos irmãos, aliás quase todos já falecidos, os nomes riscados, um a um, na caderneta do tempo. Na agenda familiar, um ou outro sobrinho, esporadicamente o visitava ou o cumprimentava, quando se encontravam casualmente, em seus mínimos deslocamentos, fora do circuito da granja. Para os familiares um ermitão, um pobretão.

Ninguém a ouvir-lhe as histórias, suas habilidades, sua saga, antigas narrativas. Sabia ser ridicularizado por seus espaços de humildade, seus apegos a objetos rústicos, sua convivência com bichos, sua quase mendicidade. Esquecido, enfim, pela família, pela sociedade, tão somente um velho qualquer. Em meio às árvores decoradas pelas flores,

os arrulhos da passarinhada indócil, zunidos de abelhas silvestres, uma existência asfiziada, olvidada, estigmatizada..

Praticamente, uma única pessoa, uma senhora da redondeza, frequentava, com constância, a chácara. Serviçal zelosa, lavava-lhe as roupas, ajudava na limpeza do imóvel, trazia notícias da localidade. Era acompanhada frequentemente por um filho, criança de seus oito a nove anos, alegre, extrovertido, espirituoso. Atento à rotina da residência, colaborava, alacrememente, no trato com os animais domésticos – galinhas, patos, cães, alguns bezerros – divertia o morador com suas peraltices, seus sonhos e fantasias. Presença que alegrava o ambiente, enchendo-o de sorrisos, cantos, vivacidade. Perguntado sobre o que desejava ser no futuro, o menino afirmava, peremptório: – Médico-veterinário para cuidar das criações. – Você o será e, decerto, um grande profissional, estimulava o velho.

Certo dia, o velho é encontrado morto. Síncope cardíaca, relata o médico. Em seu sepultamento, grande, grave surpresa. Espanto geral, em especial para os sobrinhos. Detinha o finado considerável patrimônio, algo desconhecido de todos. O escrivão do cartório local informa, de público, que o falecido deixara testamento devidamente formalizado, legando todos seus bens (ele que era considerado pobre e desprezado pelos familiares) à criança, filho da faxineira, incluindo apólices de títulos públicos de altíssimo valor. Quantia inteiramente suficiente para cobrir todos os gastos do menino com estudos, por mais onerosos.

Realização:



Apoio:

